

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA  
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - PPGAV

Etnografia do Barranco - poéticas do encontro em processos colaborativos  
multiespecíficos

Lia Vaquer Cunha

Salvador,  
2023

Etnografia do Barranco: poéticas do encontro em processos colaborativos multiespecíficos. / Lia Vaquer Cunha. - - Salvador, 2023.  
138 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Lia Krucken Pereira.  
Dissertação (Mestrado - Artes Visuais) - Universidade Federal da Bahia.  
Escola de Belas Artes, 2023.

1. 1. Etnografia do Barranco. 2. Rede. 3. Livro - obra. 4. Encontros.  
5. Processos colaborativos. 6. Alianças multiespécies. I. Pereira, Lia  
Krucken.  
II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDU 7.01



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA  
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - PPGAV

Etnografia do Barranco - poéticas do encontro em processos colaborativos  
multiespecíficos

Lia Vaquer Cunha

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Lia Krucken Pereira.

Salvador,  
2023

agradecimentos:

à minha mãe Mar, que sempre me ensina  
sobre a magia das plantas.

ao corpo coletivo do Barranco.

Thayná Mallmann

Tiago Ribeiro

Zoy Anastassakis

Ailton Krenak  
Bruna Carvalho  
Caio Barbosa  
Carol Morena  
Claudia Cardenas  
Cristine Takuá  
Cynthia Cy Barra  
Daiane Oliveira  
Emanuele Coccia  
Eneida Leal Cunha  
Ekedy Sinha  
Flora Vaquer  
Iago Lobo  
Iara Machado  
Ines Linke  
Isa Trigo  
Isabella Coretti  
João Milet Meirelles  
Jorgge Menna Barreto  
Joyce Delfim  
Kleyson Assis  
Lanussi Pasquali  
Lara Marques  
Larissa Martina  
Laura Castro  
Leonardo França  
Lia Krucken  
Lucas Feres  
Lucas Lago  
Maria Eugênia Milet  
Mário Vaconcelos  
Paola Barreto  
Rafael Amorim  
Rafael Schilichting  
Regina Melim  
Taygoara Aguiar

“Se uma profusão de estórias conturbadas é a melhor maneira de contar sobre a diversidade contaminada, então é hora de tornar essa profusão parte de nossas práticas de conhecimento.”

Anna Tsing

§

“O papel guarda em sua lembrança o fato de um dia ter sido planta. Ele também se revela enquanto registro, traço, fotografia fotossíntese do que outrora foi diálogo direto com o sol.”

Jorgge Menna Barreto

§

“Cada forma de vida é uma colagem de várias espécies.”

Emanuele Coccia



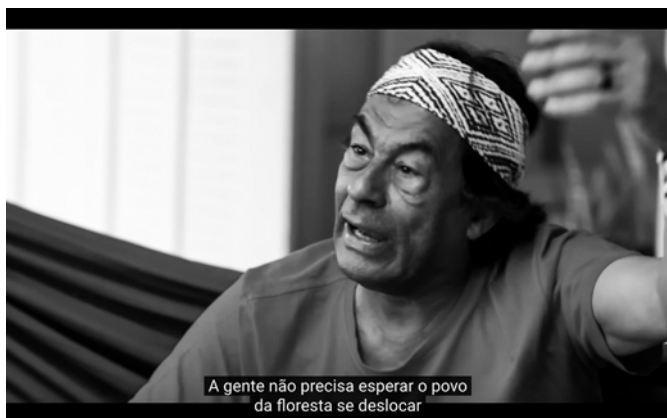
mas é muito importante  
alimentar ao menos a utopia



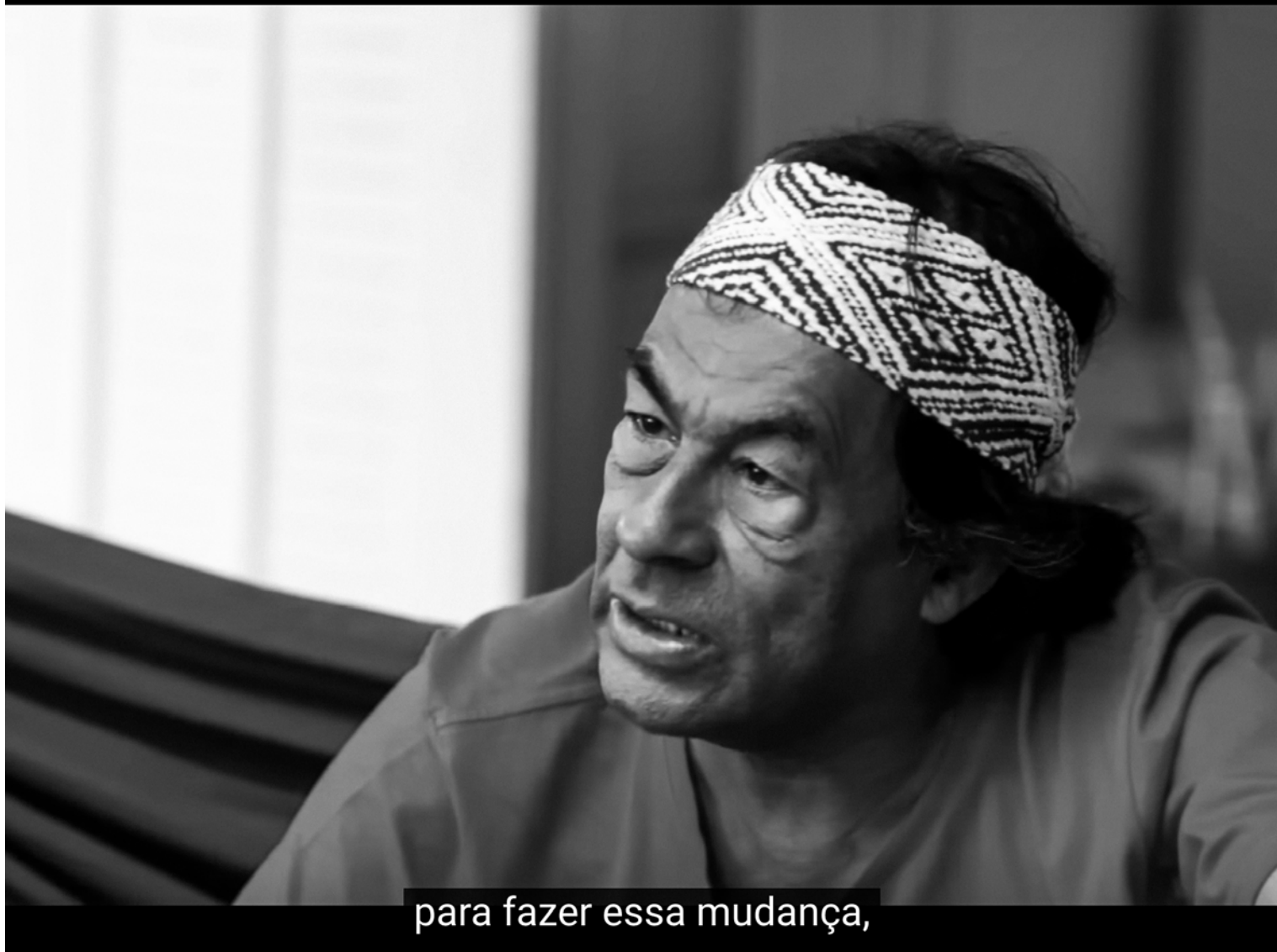
de fazer um furo no muro da cidade.



Fazer um furo de dentro para fora.



A gente não precisa esperar o povo  
da floresta se deslocar





Esse furo é vegetal.



Quem fura o muro da cidade são as plantas.



Elas que fazem isso no chão,  
elas racham esse chão de cimento.

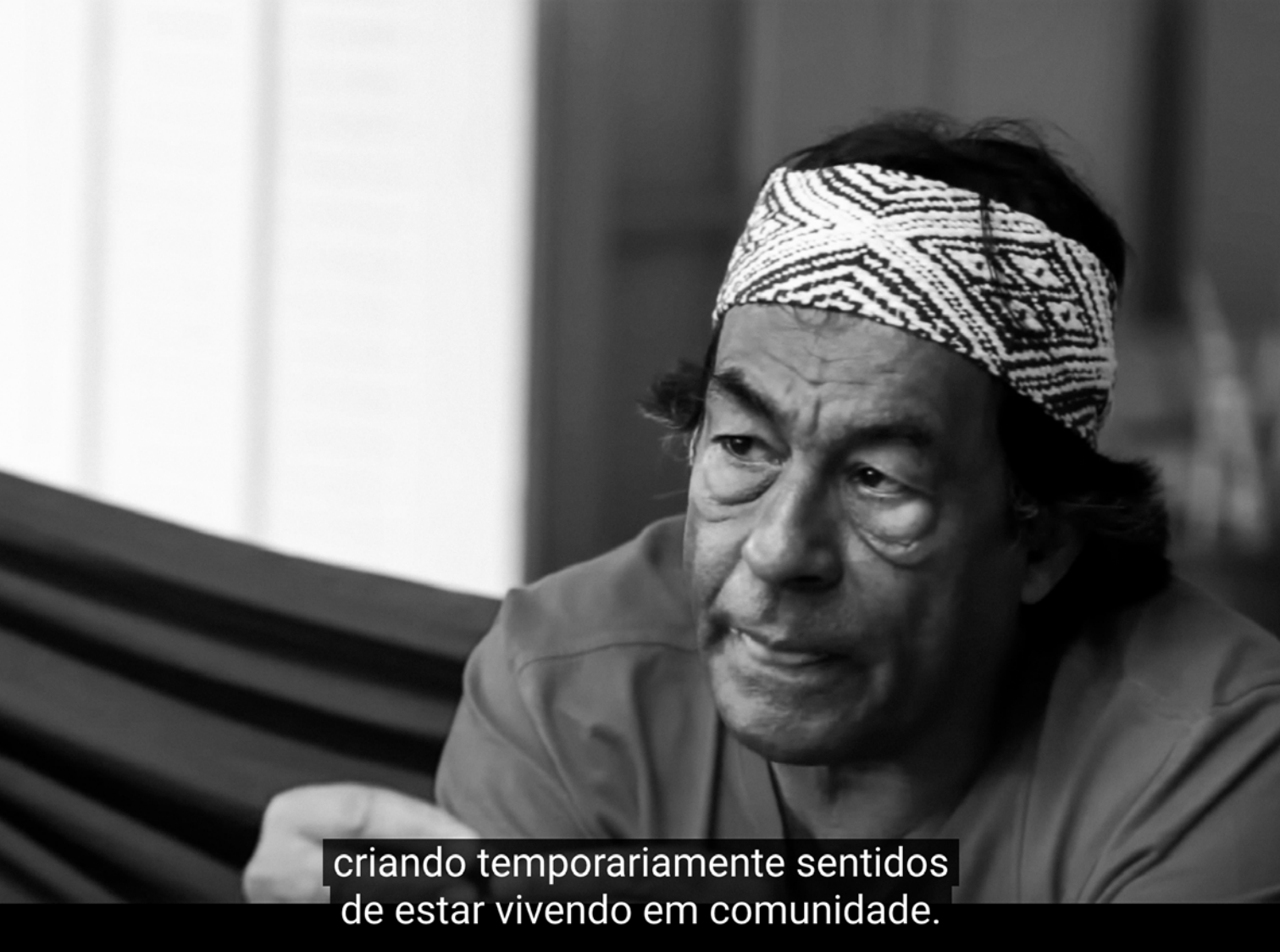


Se elas tiverem tempo,  
elas entram por aqui,










criando temporariamente sentidos  
de estar vivendo em comunidade.



Aqui mesmo onde estamos  
podemos experimentar isso.

---

CONVERSA NA REDE: Os elementos estão falando - Ailton Krenak e Natassja Martin  
(série Conversas Selvagem, 2023) | Confira na íntegra:  
<https://www.youtube.com/watch?v=ChUjJiLCdxs>

Resumo: *Etnografia do Barranco - poéticas do encontro em processos colaborativos multiespecíficos* é uma pesquisa cultivada a partir de uma série de encontros com o Barranco, localizado em Salvador - BA. O livro-obra nascido destes encontros pode ser lido como um exercício em antropologia especulativa que propõe semear questões como: No contexto do isolamento social será que a pandemia poderia trazer uma nova perspectiva a respeito da nossa relação com as outras espécies? Como experimentar o corpo como um território de encontro? Como seria conduzir um processo artístico colaborativo com *quem* estamos habituadas a chamar de natureza?

A dissertação reencena alguns procedimentos incorporados no livro através de uma narrativa fragmentada, composta por imagens, textos e ~~apropriações~~ compostagens a partir do pensamento de outras autoras. Nas partes denominadas *Frutificações* foram incluídas obras que se relacionam com o livro conceitualmente ou integram a sua família gráfica, mas ganharam autonomia como obras em outros corpos e espaços.

Palavras-chave: ETNOGRAFIA DO BARRANCO. REDE. LIVRO-OBRA. ENCONTROS. PROCESSOS COLABORATIVOS. ALIANÇAS MULTIESPÉCIES.

Resumen: *Etnografía de Barranco - poéticas del encuentro en procesos colaborativos multiespecíficos* es una investigación cultivada a partir de una serie de encuentros con el Barranco, ubicado en Salvador - BA. El libro-obra nacido de estos encuentros puede leerse como un ejercicio de antropología especulativa que propone sembrar interrogantes como: En el contexto de aislamiento social, ¿la pandemia podría traer una nueva perspectiva sobre nuestra relación con otras especies? ¿Cómo experimentar el cuerpo como lugar de encuentro? ¿Cómo sería llevar a cabo un proceso artístico colaborativo con lo que estamos acostumbrados a llamar naturaleza?

La disertación recrea algunos procedimientos incorporados en el libro a través de una narración fragmentada, compuesta de imágenes, textos y ~~apropiaciones~~ compostajes a partir del pensamiento de otros autores. En las partes denominadas ructificaciones se incluyeron obras que conceptualmente se relacionan con el libro o forman parte de su familia gráfica, pero ganaron autonomía como obras en otros cuerpos y espacios.

Palabras clave: ETNOGRAFÍA BARRANCO. RED. LIBRO DE TRABAJO. REUNIONES. PROCESOS COLABORATIVOS. ALIANZAS MULTIESPECIES.

**plantar o texto  
ao chão da página**

SUMÁRIO





### **EPÍGRAFE**

pgs. 5 - 11

### **BILHETE PARA A LEITORA**

pgs. 16 e 17

### **FRUTIFICAÇÕES**

Rede (Verbetes Moventes) pgs. 24 a 29;

Revista Miolo #3 pgs. 36 a 41;

Do que é feito o encontro? pgs. 42 - 43;

Conversas com Barranco pgs. 62 - 63;

Língua vegetal pgs. 86 - 87;

Micro-poema-objeto pirofílico Lamber o sol(o) pgs. 98 - 99;

Jam pgs. 106 - 107;

Exposição Língua vegetal pgs. 120 - 129

### **PSICONAUTAS**

pgs. 52 e 53

### **MICRO-ENTREVISTA: INES LINKE**

pgs. 110 - 113

### **ESTAR JUNTAS**

pgs. 114 - 115

### **REFERÊNCIAS**

pgs. 133 - 135







ESSA DISSERTAÇÃO SE ENRAMA  
APENAS PELA SUPERFÍCIE  
DAS COISAS PROFUNDAS.

EM SEU CORPO SÃO REENCENADOS  
ALGUNS PROCEDIMENTOS  
INCORPORADOS NO LIVRO - OBRA  
ETNOGRAFIA DO BARRANCO.

ELA CRESCE FEITO RIZOMA  
E ENLAÇA DISCURSOS POR IMAGENS  
— PORQUE ENTENDE QUE A FORMA  
É O JEITO DO CORPO DIZER.

ABRÇA UM LIVRO - ABERTO,  
SUAS FOLHAS SOLTAS ANUNCIAM FRUTIFICAÇÕES:  
TRABALHOS PENSADOS A PARTIR DO LIVRO  
DO BARRANCO GANHAM AUTONOMIA  
EM OUTROS CORPOS E ESPAÇOS.  
MICROENTREVISTAS FORTALECEM  
ESSA ESCRITA ENQUANTO GESTO COLETIVO.  
NELA, UM TANTO DE IDEIAS  
TRANSPLANTADAS.

---

\* Acesse o link e assista à videoleitura do livro em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=dPS00Ynckvo>





# **DISSERTAÇÃO**



**REENCENAÇÃO**

as folhas soltas  
trepam pelas paredes  
por autonomia

**cavar nos vales do livro,  
desfolhar**

# FRUTIFICAÇÕES



**como seria conduzir  
um processo artístico  
colaborativo em parceria  
com *quem* estamos  
habitadas a chamar  
de natureza?**

m como ecologistas que estudam as  
ações formando sistemas (MORIN, 2000),  
mos preocupados com as interações,  
o internas como externas aos processos,  
onsáveis pela construção de obras, pois  
sistemas abertos que interagem também

• rizoma  
"O que es  
relação co  
com o ani  
com a po  
natureza  
diferente  
de "devira

"Um rizo  
encontra  
inter-ser,  
mas o rizo



---

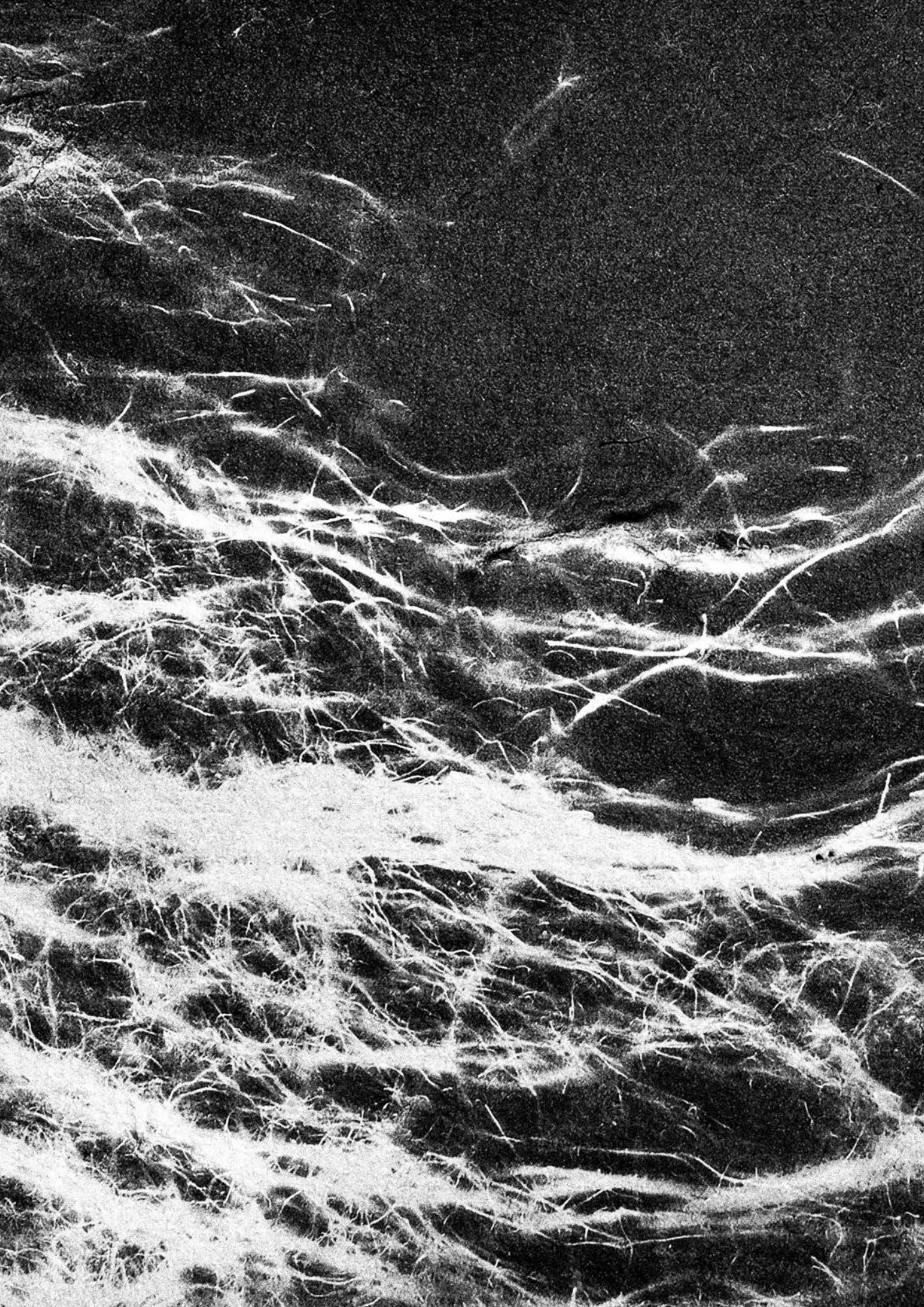
### Rede

Capítulo-cartaz na publicação Verbetes Moventes (Duna, 2021)

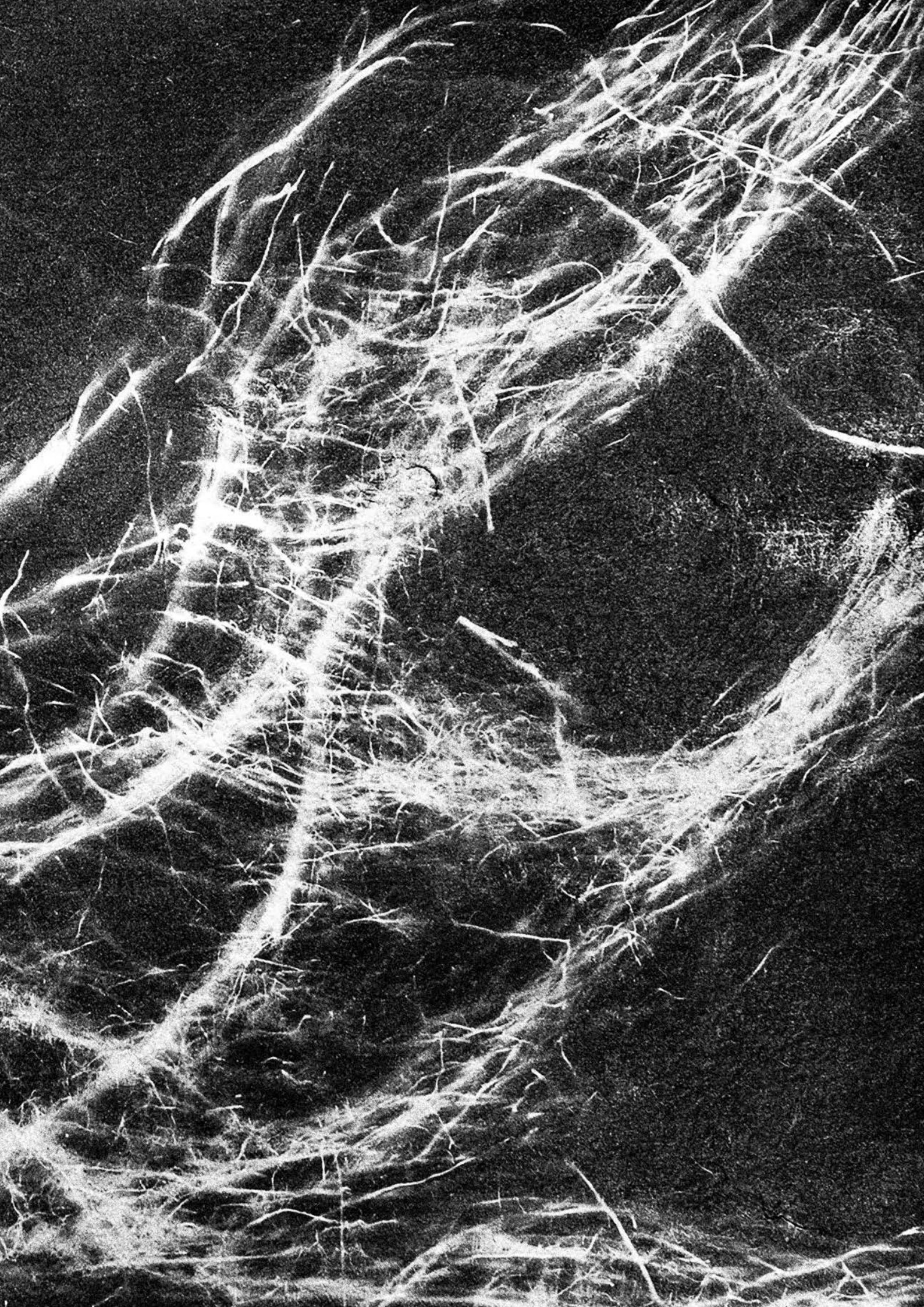
[liacunha.myportfolio.com/rede](http://liacunha.myportfolio.com/rede)

[www.instagram.com/verbetesmoventes/](https://www.instagram.com/verbetesmoventes/)

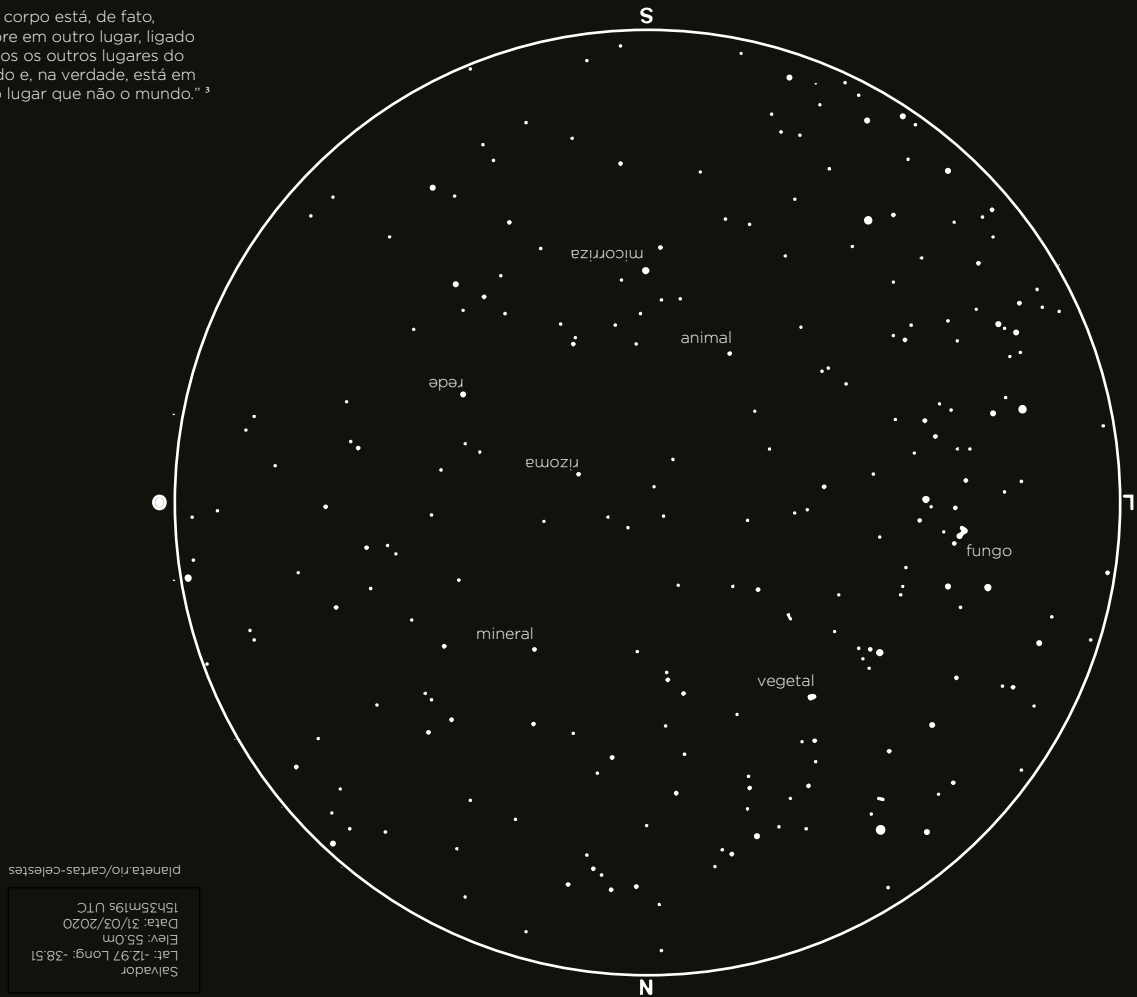








"Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo."<sup>3</sup>



planeta:rio/cartas-celestes

Salvador  
Lat: -12.97 Long: -38.51  
Elev: 55.0m  
Data: 31/03/2020  
15h35m19s UTC

1. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rede/>
2. MARTINHO, Cássio. Algumas palavras sobre rede.
3. FOUCAULT, Michel. O Corpo Utópico; As Heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2013. 55 p. Posfácio Daniel Defert; [tradução Salma Tannus Muchail].
4. BORGES, Jorge Luis. Obras Completas: jorge luis borges. São Paulo: Globo, 1999.
5. TAKUÁ, Cristine. Seres Criativos da Floresta. Cadernos SELVAGEM, Biosfera: Dantes Editora, 2020.
6. SALLES, Cecília Almeida. Redes da Criação: Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2008.
7. KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
8. SOLLER, Pedro. Magia e tecnologia. In: (ORG), Adriano Belisário (org.). Tecnomagia. Rio de Janeiro: Imotirô, 2014. Cap. 1. p. 8-47.
9. DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. MIL PLATÔS: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 94 p. (Vol I). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.



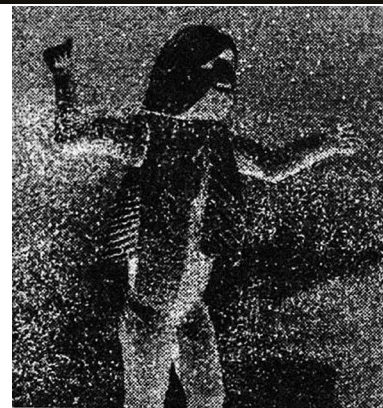
Texto, imagens e design por Lia Cunha.  
Gravura página 1: Lia Krucken.  
Interlocuções: Cynthia Cy Barra, Laura Castro, Lia Krucken e Marcelo Terça-Nada.

\*Este verbete-cartaz integra o livro *Verbetes Moventes*, publicado pelas editoras Duna e Tiragem em Salvador, Brasil, 2021.

## re-de

sf

- “Dispositivo feito de material bastante resistente, usado para amortecer a queda de corpos.”<sup>1</sup>
- “Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta.”<sup>2</sup>
- “Redes são entidades fluidas, indefinidas”<sup>2</sup>





## **um coletivo pensante que não é puramente humano...**

### **Minha germinação por essa palavra se dá em constelação, teia tecida por nós, num jardim de veredas que se bifurcam...**<sup>4</sup>

“A grande teia que envolve a vida, essa grande interação de relação entre os seres animais e vegetais, ela foi totalmente desestruturada. Os seres humanos romperam todas as formas de interações dessa teia. Como agora tecer e pegar o fio dessa meada que se perdeu é um compromisso urgente de nós todos.”<sup>5</sup>

“Mas será que a ciência está dialogando com os espíritos da floresta? Será que a ciência está entendendo de que não adianta só escrever? Que tem que sentir, que tem que perceber, que tem que interagir com todas as formas outras não humanas?”<sup>5</sup>

### **como seria conduzir um processo artístico colaborativo em parceria com quem estamos habitadas a chamar de natureza?**

“Assim como ecologistas que estudam as interações formando sistemas (MORIN, 2000), estamos preocupados com as interações, tanto internas como externas aos processos, responsáveis pela construção de obras, pois são sistemas abertos que interagem também com o meio ambiente. Coloca-se assim em crise o conhecimento do objeto fechado, estático e isolado.”<sup>6</sup>

“É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como um metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros.”<sup>7</sup>

#### • micorriza

“Talvez o organismo mais conectado do planeta é o fungo. Redes enormes cobrem a terra e tem sido demonstrado que se comunicam através de grandes distâncias. Sua estrutura rizomática ecoa outras redes, até mesmo a nossa internet. Quando os investigadores ou psiconautas tomam psilocibina, um dos efeitos importantes é o aumento da telepatia e de uma sensação de conexão com as plantas e com a natureza. Xamãs usaram cogumelos e outros enteógenos desde tempos imemoriais para a sua magia e cura.”<sup>8</sup>

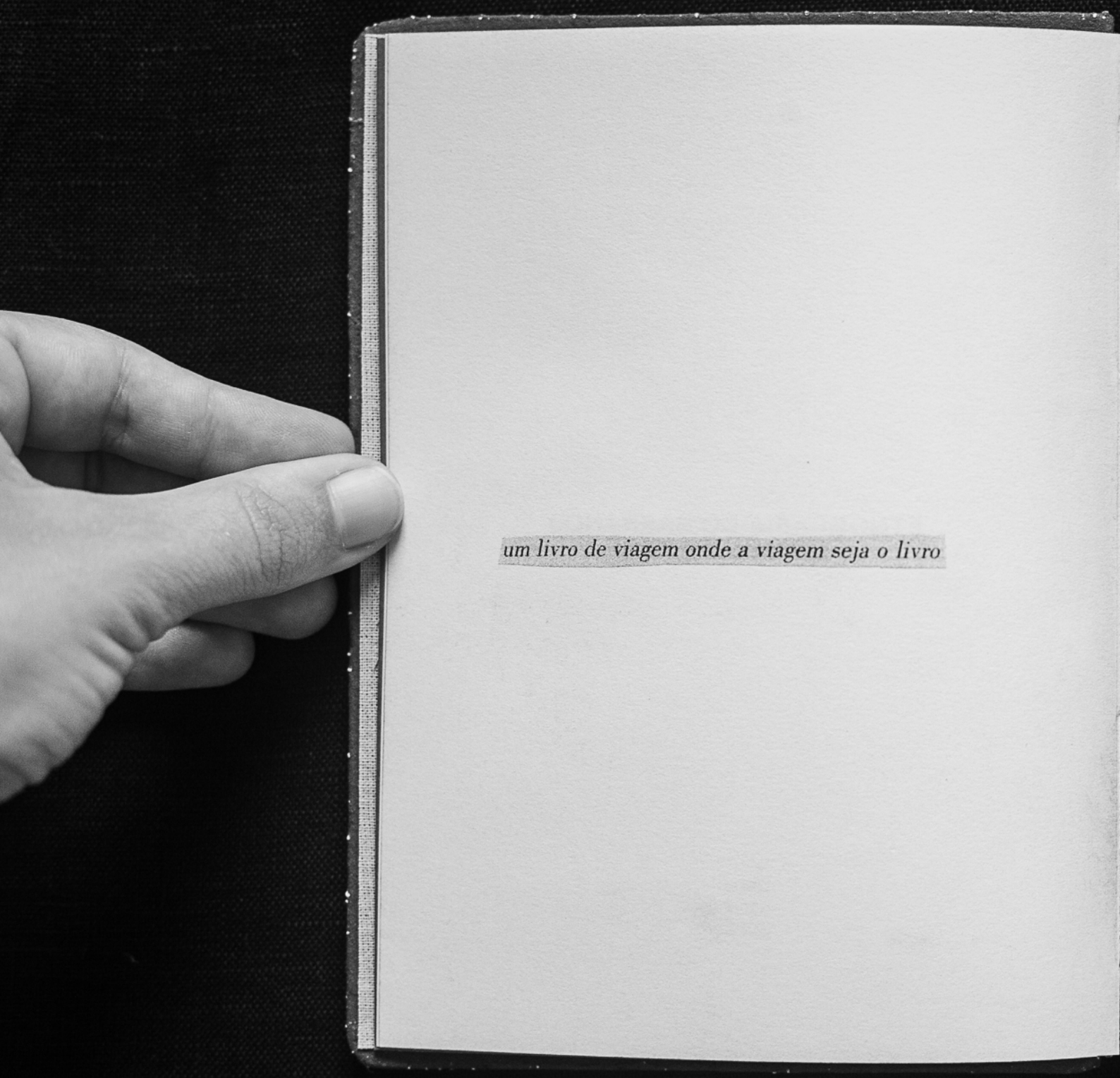
“As tradições xamânicas falam sobre conectividade, como tudo é um. Este é o ponto de partida onde a magia se torna operável. Trabalhando com as energias biológicas de nossos corpos conectados, electromagnetismos complexos. Esta capacidade de sentir, escutar e conectar também é essencial para uma civilização em equilíbrio.”<sup>7</sup>

#### • rizoma

“O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires”.<sup>9</sup>

“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.”<sup>9</sup>

## **trama ou conjunto de corpos entrelaçados**



*um livro de viagem onde a viagem seja o livro*





ESCREVE

~~ACIDENTE~~

E

R POR

~~ES~~

ROSÕES







## FRUTIFICAÇÕES

Produzida em meio à pandemia, por uma equipe voluntária de estudantes (graduação e pós-graduação), docentes e artistas, A Miolo v.3 foi publicada em parceria com a editora Duna e é reflexo do desejo de tensionar os limites físicos, técnicos e conceituais da experimentação na produção de periódicos. Uma revista-escola na qual, à cada novo ciclo, ensina-se e aprende-se enquanto propostas editoriais ganham materialidade. Por se tratar de uma publicação experimental que busca imergir profundamente em questões conceituais das linguagens artísticas contemporâneas, o projeto editorial da Miolo tem o desafio de conciliar sua proposta metodológica (“aprender fazendo”) com um acabamento gráfico que chame o inesperado. Neste sentido se beneficia dos diálogos que surgem nas práticas editoriais coletivas da fabricação lenta de cada volume.

fonte: <https://tiragem.ufba.br/zero/miolo-v3-2022/>



---

**revista Miolo #3**

Assita ao folhear da revista: <https://www.youtube.com/watch?v=bZ3Wv9NXI0k>

*Como encarnar ideias?*  
por Lia Cunha\*

Aprender a ser essa matéria aglutinadora, esse corpo que gera e recicla as energias propulsoras de acontecimentos em “um processo curatorial cuja função é fazer prosseguir encontros”<sup>2</sup>. Curar coletivamente com Arissana Pataxó, Cynthia Cy Barra, Lara Marques, Lia Krucken e Manoela Barbosa, através de poéticas do encontro, em modo oficina, acompanhadas por uma equipa tão rica quanto diversa.

Equilibrar possibilidades, criar mundos. Especificidades da produção gráfica — como a busca de soluções perante as limitações orçamentárias e cores disponíveis no parque gráfico local para impressões com a técnica risográfica — somadas a um interesse por investigações poéticas autorais em design e o desejo por conduzir composições compartilhadas posicionaram a equipe que trabalhou na diagramação como intérpretes, que, como em uma peça musical, emprestam o seu corpo e subjetividades para performar textualidades.

Buscar intimidade com os trabalhos, como foi a *leitura selvagem*<sup>3</sup> a partir de escritos de Diane Lima, que viraram quase imagem.

Aprender a exercitar a escuta para não estancar os fluxos, fazer ecoar discursos pluridiversos na elaboração de narrativas de continuidade da vida.

Acolher os imprevistos para tecer essa trama editorial “como uma prática artística em si, cuja performatividade na detenção dos meios de produção e circulação é mais relevante do que seus resultados gráficos”<sup>4</sup>

Apontar interesses de um modo flexível — com os lançamentos do texto-flecha e a carta das curadoras. Essa escuta se mostrou imprescindível

para acolher os trabalhos da chamada aberta, nos quais muitas vezes latejavam questões muito atuais relacionadas ao momento delicado de recolhimento que estamos vivendo com a pandemia. Como lidar com o que estamos passando?

Acreditar que as textualidades criam mundos.

Procurar acessar sabedorias ancestrais indígenas e afro-brasileiras, “estabelecer diálogos criativos com entes mais-que-humanos”<sup>5</sup>, através de literaturas e oralidades. Entender a arte como uma tecnologia da magia — magia não como um termo generalista e estereotipante, mas como ferramenta para “encantamento de mundos”<sup>6</sup>.

Experimentar processos horizontais de troca de conhecimento, explorar as possibilidades de fluidez entre as funções de estudante, autora, curadora, editora, oficinista, artista, professora... Mudar as posições, alternar as perspectivas. No encontro construímos paisagens, criamos mundos e nos transformamos enquanto criaturas.

Como em nossa capa, que a partir da fotografia de Marina Alfaya projeta constelações inventadas, “incorporar a ideia de difração como uma alternativa ao conceito de reflexão como sinônimo para pensamento”<sup>7</sup>.

E, assim, com Marina Alfaya, Leleco, Taygoara Aguiar, Diane Lima, Ane Kethleen Pataxó, Ezequiel Vitor Tuxá, Laura Castro, Zulmira Correia, Isadora Stähelin, Deisiane Barbosa, Felipe Caires, Lucas Feres, Lucas Lago, Marcelo Terça-Nada, Orlando Maneschy, Carmen Palumbo, Goli Guerreiro, Sabrina Sabris, Ana Pedrosa, Rita Carelli, Bruna Carvalho, Cynthia Cy Barra, Lia Krucken, Saulo Tomé, Isabella Coretti, Glicéria Tupinambá, Tiago Ribeiro, Aju paraguassu, Iansã Negrão, João Milet Meirelles, Mahal



Pita e Marcela Bonfim criamos essa “comunidade de poemas”<sup>8</sup>.

Esses são alguns dos desafios que apresentam a feitura de uma revista construída no infinitivo. Publicação-processo porque aprendemos a construir a embarcação enquanto navegamos em alto-mar, na errância. A revista como um “livro-vivo”<sup>9</sup>, um corpo-testemunha dos processos no qual não propomos reencenações gráficas, mas onde se inscreveram nossas vivências. “O resto se inscreve em nós”<sup>10</sup>.

Como encarnar ideias?

#### **Conexões, encontros e encruzilhadas** por Taygoara Aguiar

Desde o nascimento deste periódico, cada nova edição da nossa revista é resultado de uma série de experiências gráficas coletivas realizadas a partir de ações acadêmicas de extensão. Estas ações são essenciais para o nosso processo criativo e envolvem horizontalmente nossa equipe, formada por docentes, artistas, designers e estudantes de graduação e pós-graduação, em modos de fazer que se expandem e ganham novas formas a cada fim de jornada — momentos nos quais materializamos mais um volume físico da revista *Miolo*.

Publicada pelo selo editorial Tiragem: Laboratório de Livros, sempre é nosso desejo tensionar os limites físicos, técnicos e conceituais da experimentação na produção de periódicos, coisa que fazemos sem muito esforço, justamente porque ainda sabemos muito pouco acerca dos processos tradicionais de edição de revistas. Como bem apontou Cynthia Cy Barra, a *Miolo* é uma revista-escola (“a vida é uma escola”), na qual, a cada novo ciclo, ensinamos e aprendemos enquanto fazemos com que a nossa proposta editorial ganhe materialidade. Esse modo de fazer, apesar de ser puramente intuitivo,

aos poucos está se constituindo como um método e já é uma característica marcante do nosso projeto editorial.

Por se tratar de uma publicação experimental que busca imergir profundamente em questões conceituais das linguagens artísticas contemporâneas (o design aí incluso), o projeto editorial da *Miolo* tem o desafio de conciliar sua proposta metodológica (“aprender fazendo”) com um acabamento gráfico que chame o inesperado. Neste sentido, as interações intrínsecas à prática editorial nos proporcionam os diálogos e trocas necessárias para que a execução dos planos da direção de arte esteja alinhada com as reflexões disparadas pelos textos-flecha.

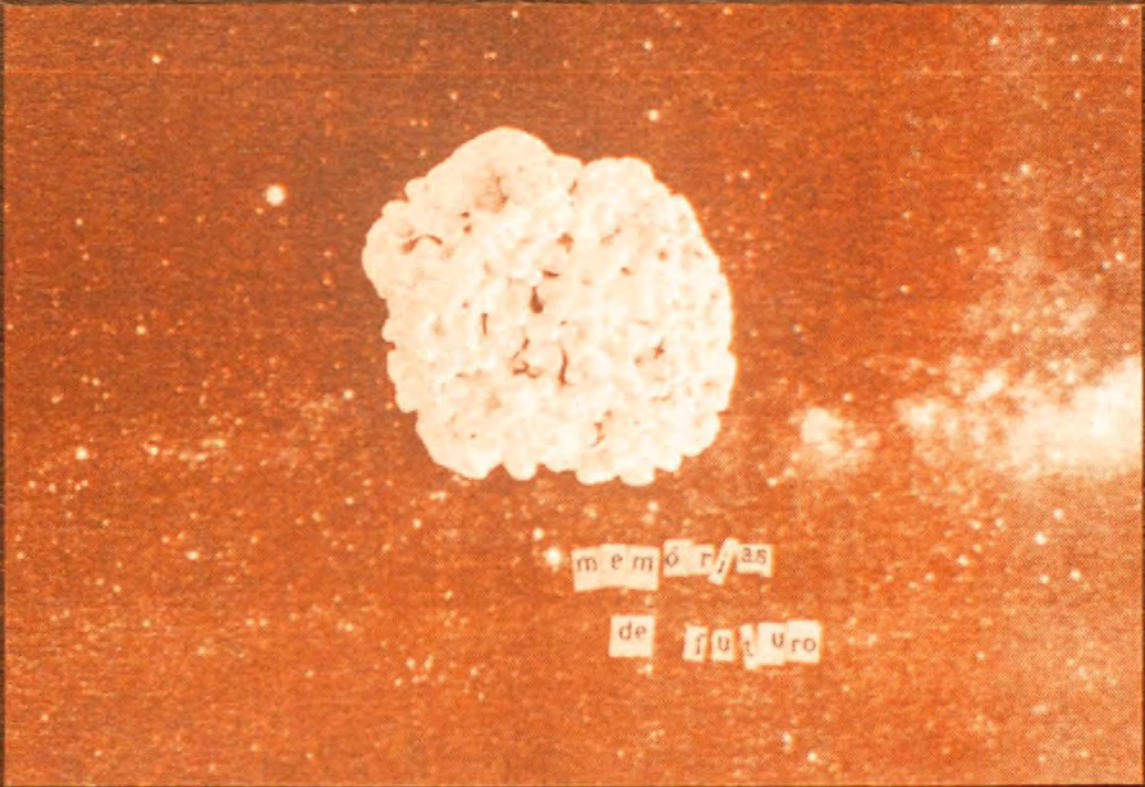
Como ocorreu nas edições anteriores, no início da concepção deste volume, o terceiro, estávamos felizes diante da possibilidade das trocas físicas proporcionadas pelas oficinas práticas que iríamos realizar nos ateliês da Escola de Belas Artes. Em parceria com a editora Duna, planejamos consolidar os aprendizados das duas edições anteriores, amadurecer nosso método e sistematizar nossos processos a partir de novas vivências de ensino e aprendizagem. Contudo, ninguém podia imaginar que nossos planos seriam atravessados pela epidemia mundial de um novo coronavírus.

Este volume foi idealizado e produzido em meio à pandemia do SARS-CoV-2. Teve início como um movimento em busca de entender o sentido de fazer uma revista em meio a uma realidade pandêmica, cujas demandas urgentes aparentemente diminuiriam a necessidade de produção de mais um periódico.

De repente, a maioria dos nossos desejos e planos para o novo volume, nascidos durante a produção do segundo volume desta publicação, em 2019, pareciam não caber mais em um mundo que se reconfigurava

\*texto composto em fluxos com:

1. Helen Torres
2. Cynthia Cy Barra
3. Lia Krucken
4. Fabio Morais
5. Cristine Takuá
6. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino
7. Donna Haraway
8. Maré de Matos
9. Agostinho Ika Muru e Laura Castro
10. Bruno Levorin





DO QUE É FEITO O ENCONTRO? (...)  
EU NÃO ME VEJO ANDANDO SOZINHO NO MUNDO.  
EU SEMPRE CONVOLO ALGUMA HUMANIDADE  
PARA ANDAR JUNTO COMIGO.

Tempos conflitantes, momento de tomada de posição.  
Crise econômica mundial, aumentos de medidas governamentais,  
de crimes ambientais e manipulação civil. trocas de dados  
pela internet: manipulação socio-  
econômica dos países de uma Europa enfraquecida,  
políticas energéticas na bacia amazônica despejo de morado-  
res "choques de ordem" e "unidades pacificadoras". O que isso tem haver  
com a questão da "magia" e qual seria a contra-resposta?

a figura da MAGIA como ferramenta de operação  
abrangente em todos os meios e âmbitos da sociedade.

A arte como uma tecnologia de magia -  
que abrigava espíritos em esculturas ou as pinturas corporais ou as  
ferramentas do xamã. A arte expressa o invisível. A capacidade mágica  
de fazer uma imagem, criando um ser. Como uma máscara transfor-  
ma-o em um deus. Formas que são casas para os espíritos. Arte faz  
a ponte entre o pessoal e o político, entre sentimento e ação. A arte  
como uma chave para os reinos mágicos, a construção da ponte entre  
os mundos.

Magia anterior ao próprio paradigma.  
adiante de estruturas morais, religiosos,  
políticos e econômicos. Ela nasce da necessidade da vida, da convi-  
vência do indivíduo no coletivo, na instauração de realidade frente ao  
incerto.

na afirmação da ruptura da realidade vigente

A COLONIZAÇÃO É AQUI E AGORA. PENSAR QUE  
NÓS ESTAMOS DISCUTINDO AS PRÁTICAS COLONIAIS  
COMO ALGUMA COISA PRETÉRITA, QUE JÁ FOI E AGORA  
ESTAMOS SÓ LIMPANDO, É UMA BRINCADEIRA.

A partir das noções de ancestralidade e de encantamento praticamos uma  
dobra nas limitações da razão intransigente cultuada pela normatividade  
ocidental.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo kumba:  
feiticeiro (o prefixo "ma", no quicongo, forma o plural). Kumba também  
designa os encantadores das palavras, poetas.

Esta dobra política e epistemológica é crucial para um  
reposicionamento ético e estético das populações e das suas produções que  
historicamente foram vistas, a partir de rigores totalitários, como formas  
subalternas, não credíveis.

Esta é a lógica do jogo. A macumba é ciência, é ciência encantada e  
amarração de múltiplos saberes.

Deseducar é uma tarefa urgente, para que a gente  
viva a experiência política, a experiência poética da  
liberdade.



KRENAK, Ailton.  
Do Tempo. Seminário  
Perspectivas  
anticoloniais (MITsp).  
São Paulo, 2020.

APSU, Eah de.  
Magia: Caminho da  
resignificação de mitos  
e ritos. In: (ORG),  
Adriano Belisário.  
Tecnomagia. Rio de  
Janeiro: Imotirô, 2014.  
Cap. 6. p. 78-85.

SOLLER, Pedro.  
Magia e tecnologia.  
In: (ORG), Adriano  
Belisário (org.).  
Tecnomagia. Rio de  
Janeiro: Imotirô,  
2014. Cap. 1. p. 8-47.

SIMAS, Luiz Antonio;  
RUFINO, Luiz.  
Fogo no mato: a  
ciência encantada  
das macumbas. Rio  
de Janeiro: Mórula,  
2018. 124 p.

A ciência das  
macumbas - com Luiz  
Antonio Simas e Luiz  
Rufino youtube.com/  
watch?v=Yc4sOb0B\_XM

## FRUTIFICAÇÕES

Durante os meses de janeiro e fevereiro de outro ano pandêmico, nos reunimos para experimentar e produzir. Tramamos uma teia virtual entre a Bahia e Minas Gerais para compartilhar processos criativos, técnicas gráficas e leituras, performando possibilidades de encontros digitais e trocas no cenário da pandemia do Covid-19. Os nossos encontros foram regidos pelo desejo de aprender com as diferenças e construir discursos e ambientes pluridiversos.

Essa publicação é também um convite para experimentar formas de comunicação através da arte, uma presença física e afetuosa em um cenário de ausências, perdas e instabilidade. O momento presente nos leva a repensar o convívio; nos coloca atrás de telas; nos inclina às conexões oscilantes. A Arte Correio, por sua vez, instaura o tempo do encontro físico, da paciência, de uma comunicação mais lenta e afetiva – a caligrafia, o jeito, o contato, o cheiro, a imagem, a viagem do postal, o toque.

As palavras e os gestos de Beatriz do Nascimento, Cidinha da Silva, Cristine Takuá, Sobunfu Somé, Ailton Krenak, Paulo Bruscky, Daniel Santiago, Horácio Zabala foram fios condutores deste processo. Elaboramos, a partir de encontros e desencontros, uma coleção de postais que você pode enviar, física ou digitalmente, promovendo outras naturezas de encontro.

Com organização de Lia Cunha, colaboraram nesta composição coletiva: Aju Paraguassu, Arissana Pataxó, Bruna Carvalho, Bruna Emanuele, Cely Pereira, Cynthia Cy Barra, Danilo Castro, Felipe Caires, Gabriella Correia, Isabella Coretti, Lara Marques, Lia Krucken, Luma Flôres, Manoela Barbosa e Tiago Ribeiro.

fonte: <https://dunaeditora.com.br/do-queefeitooencontro/#sobre-o-projeto>





---

**Do que é feito o encontro?**

Projeto contemplado com o Prêmio das Artes Jorge Portugal / Lei Aldir Blanc (2020)

Faça o download gratuito: <https://dunaeditora.com.br/doquefeitooencontro/>

uma escrita  
aterrada  
no presente

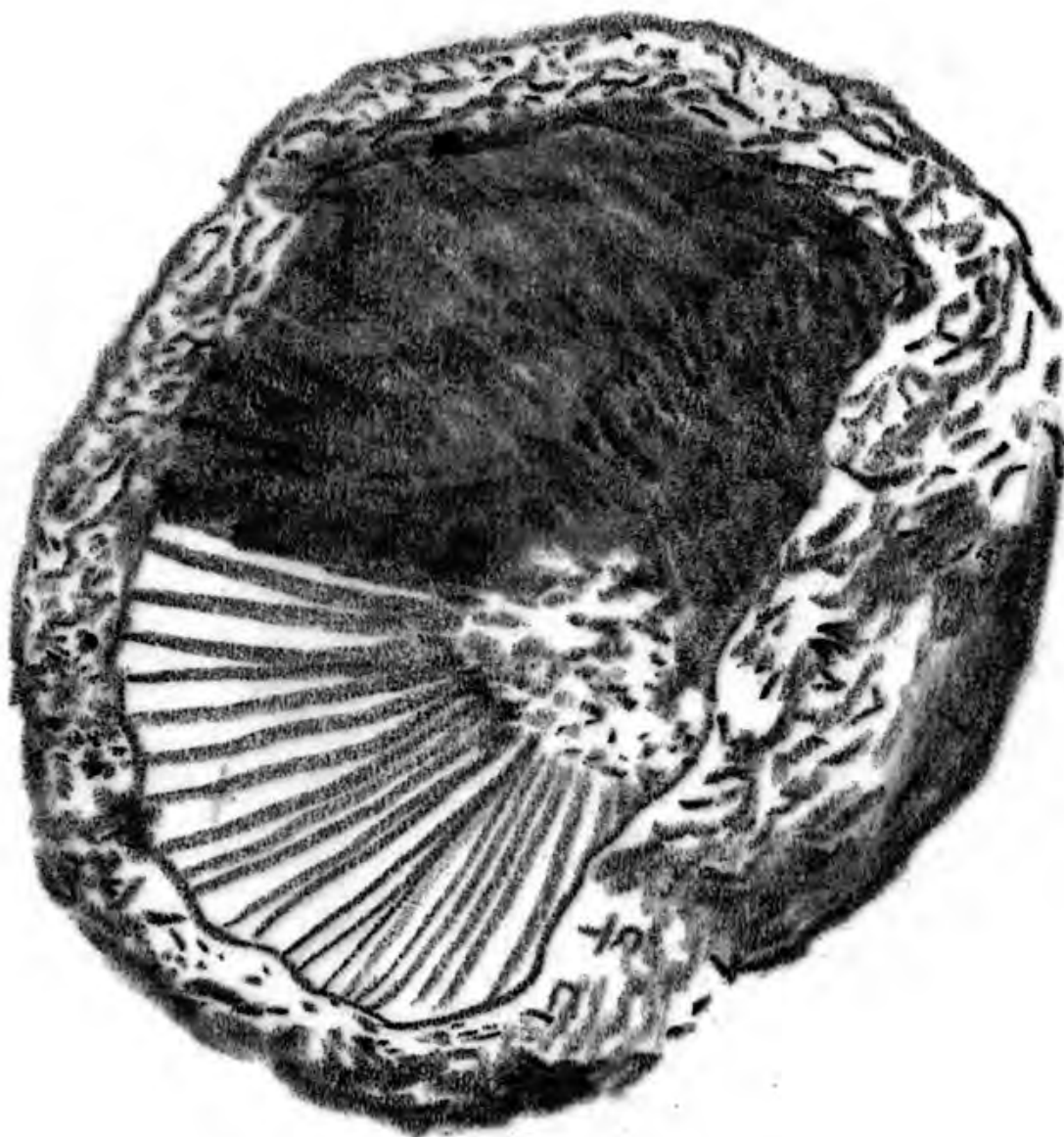
**conjugar**  
**o verbo no infinitivo**





A black and white photograph showing a hand holding a blank white page. The page is held against a dark, textured background. The text 'EXPERIMENTAR O CORPO COMO TERRITÓRIO DE ENCONTRO' is printed in the bottom left corner of the page.

**EXPERIMENTAR O CORPO  
COMO TERRITÓRIO  
DE ENCONTRO**



Hans Ulrich Obrist perguntou para Eduardo Viveiros de Castro se ele lembrava do momento exato em que teve a epifania do perspectivismo. **Com certeza.**



de de... na coisa bastante enigmática. Por que as  
 pessoa... te que Montaigne sabia perfeitamente que  
 se fazia n... uma coisa na Europa. A Europa estava, nessa  
 época, em pie... Os católicos e os protestantes se matavam  
 em todas as aldeias da França... documentos que mostram que eles se  
 devoravam entre si. Nos açou... franceses da época se vendia "carne de  
 cristão", como a chamavam. Por... dos cercos, as pessoas não tinham o  
 que comer, e tinham de comer o que... ia. E o que havia eram os cadáveres.  
 Assim, as pessoas também comiam... humana, mas por razões comple-  
 tamente diferentes das dos Tupinambás... É uma coisa que Montaigne enfa-  
 tiza muito, especificando que os Tupinambás não comiam porque tinham  
 fome. Era um ritual, algo que eles faziam... Havia todo  
 um sistema sociorreligioso por trás des... sa, mas  
 eu não sabia que ia estudar uma tribo que... mesmo fundo cultural.

**HUO** Em que ano foi isso?

**EVC** Foi em 1981. Cheguei à aldeia indígena em maio de 1981. Eu ia fazer um trabalho de campo bem normal, como um antropólogo normalmente faz: descrever os costumes, o sistema econômico, o sistema de parentesco, a religião etc. Foi justamente falando da religião, de seus deuses, suas divindades, seus espíritos, que eles me contaram que seus deuses eram canibais. Os índios me explicaram que quando as pessoas morrem, suas almas sobem ao céu e são devoradas pelos deuses, e aí são refeitas em um banho mágico e se tornam semelhantes aos deuses. Portanto eles tinham um canibalismo místico, uma vez que era praticado sobre a alma dos mortos, um canibalismo invisível, celeste, póstumo, mas que tinha semelhanças bastante perturbadoras com o que se sabia do canibalismo real, sociológico, político que os Tupinambás praticavam cinco séculos antes, no Rio. Eu estava na Amazônia, ou seja, a 2 mil quilômetros e cinco séculos de distância dos Tupinambás. Obviamente, aquilo me surpreendeu. Cinco séculos depois, a 2 mil quilômetros de distância, encontrei uma tribo que falava a mesma língua que os Tupinambás. A diferença entre a língua delés e a dos Tupinambás, como se conhece através dos documentos dos jesuítas, é como a diferença entre o português e o francês.

**HUO** Essa foi então sua grande epifania?

**EVC** Foi minha primeira epifania. Comecei a investigar essa questão. Os Araweté não eram mais canibais. Que eu saiba, eles nunca foram, no sentido literal. Mas sua cosmologia, sua mitologia, sua língua estavam cheias de referências ao canibalismo. Os deuses comiam os mortos. E toda sua vida cotidiana era assombrada pela guerra, pois eles eram perseguidos por outras tribos indígenas. Na época, essa região ainda era bastante selvagem. Havia tribos que não haviam tido contato com o mundo exterior e guerreavam com outras tribos. Os Araweté também guerreavam. Eu comecei a estudar o complexo daquele que chamamos de "o matador";





quando alguém mata um inimigo durante uma refrega, na terra dos Araweté, como na de todos os índios, ele não volta para casa para ver televisão e tomar um prato de sopa com a mulher. Ele entra em um estado que tem uma grande importância metafísica. Passa semanas sem comer, sem beber, sem se mexer, em um estado de estupor, porque de certa forma ele está possuído pelo espírito do inimigo que matou. Ao fim de algumas semanas, o espírito do inimigo “desperta” o guerreiro, como dizem, faz com que ele se levante. Ele começa a dançar e a cantar as músicas que o espírito do inimigo lhe ensinou. Eu queria saber como eram essas músicas. Eles me deram alguns exemplos, porque nessa época não guerreavam com ninguém. Deram cinco ou seis exemplos de músicas de guerra dos Araweté e as achei muito interessantes. Foi aí que tive a epifania, porque todas as músicas tinham mais ou menos a mesma estrutura. Primeiro, eles diziam que era o guerreiro que cantava. Toda a tribo ficava em volta dele. Eles dançavam juntos. O guerreiro ficava no centro do grupo.

**HUO** Então eram danças em grupo?

**EVC** Eram, mas tinha um cantor principal que fazia o solo, e depois as pessoas repetiam o que ele tinha cantado. O cantor principal era “o matador”. Essas músicas tinham sido ensinadas a ele pelo espírito do inimigo morto. O que elas diziam? Todas tinham quase a mesma estrutura simples, que dizia: “Aqui estou eu. Acabo de ser perfurado por uma flecha. Sinto que estou morrendo. Vejo os abutres em volta de mim. Meu inimigo se aproxima. Eu consegui escapar dele...” Eram sempre pequenas cenas de violência, de guerra, onde havia trechos que diziam “eu”, “meu inimigo”, “eu fui perfurado por uma flecha” etc. Então perguntei às pessoas que traziam as músicas para mim: “Quem é esse inimigo?” Elas me responderam: “É o cantor.” E eu: “Quem é esse ‘eu’ que fala que está morrendo?” Elas me responderam: “Eu é o morto.” Aí me dei conta de que a música era contada do ponto de vista do morto.

**HUO** Foi daí que surgiu o perspectivismo?

**EVC** Foi. A música era cantada do ponto de vista do morto, literalmente. Era o morto que falava. Ele se referia ao inimigo, ou seja, ao cantor, como “meu inimigo”.

**HUO** Então saímos do dualismo entre o corpo e o espírito dessa forma?

**EVC** Sim. O que me impressionou é que havia uma espécie de indiscernibilidade entre o “eu” e o “outro”, pois quando o cantor dizia “eu”, ele queria dizer o “outro”.

**HUO** Portanto, “eu é um outro”?<sup>3</sup>

**EVC** Sim. Literalmente. E quando dizia “meu inimigo”, ele se referia a si mesmo. Era ele que pronunciava as palavras “meu inimigo”, mas o referente

3 *Je est un autre* [Eu é um outro], escreveu em 1871 o poeta Arthur Rimbaud.



real, quem é? “Meu inimigo” sou eu. Sou eu que digo “meu inimigo”, pois eu falo como o inimigo que matei. Portanto, havia uma espécie de troca de perspectiva, segundo a qual o inimigo se tornava a pessoa que falava e o matador, a pessoa de quem ele falava. Mas era ele que dizia tudo isso.

**HUO** Quando você teve essa epifania, foi um pouco como Benoît Mandelbrot quando descobriu os fractais. Você teve consciência imediata das implicações dessa descoberta? Porque elas são enormes. É o politeísmo no lugar do monoteísmo. As implicações tratam da representação do sujeito propriamente dito. Depois, como em um manifesto, você fala de ir além dessa pobreza ontológica. Isso ficou claro de repente para você, ou veio pouco a pouco?

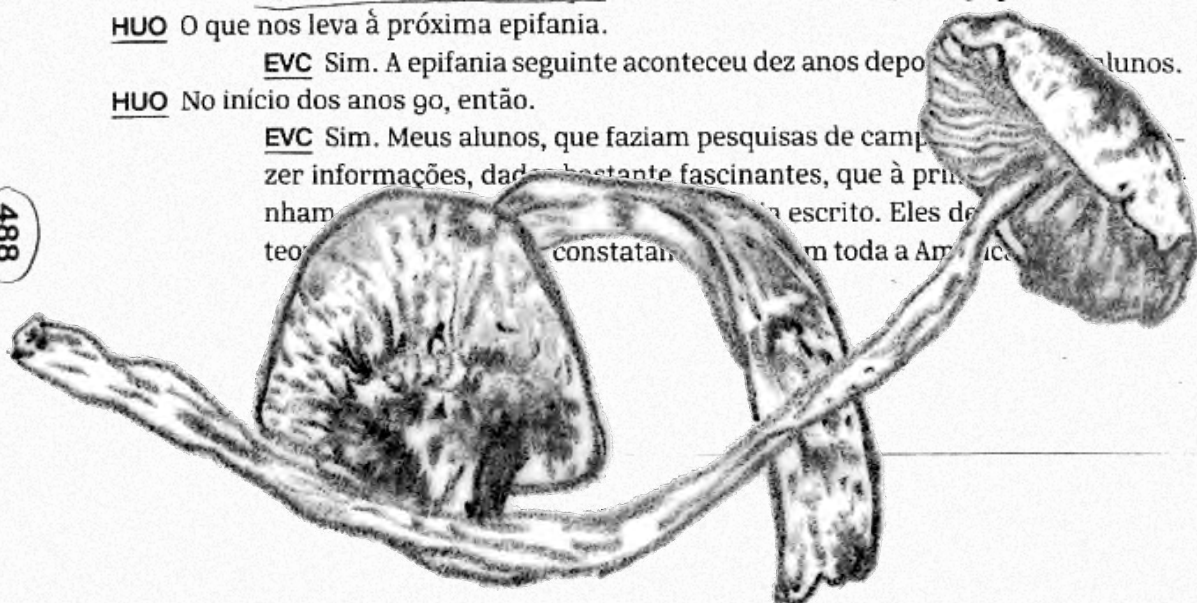
**EVC** Isso me veio pouco a pouco. A primeira coisa que me veio à cabeça é que essas músicas mostravam o segredo, a razão do canibalismo tupi-nambá. No sentido de que o canibalismo era uma forma de se tornar outro. A interpretação clássica do canibalismo era a que todos nós temos: comia-se o inimigo para obter seus poderes, sua força. Havia a ideia de assimilar o inimigo. É a mesma ideia que temos ao comer qualquer coisa, assimilamos as qualidades da coisa que comemos. E as pessoas pensavam que com o canibalismo era a mesma coisa. Aí pensei: “Não. É exatamente o contrário. No canibalismo, não sou eu que assimilo o outro, sou eu que me torno o outro, ao mesmo tempo em que o assimilo.” Essas duas coisas estão presentes em nossa linguagem popular, pois dizemos o tempo todo: “Você é o que come.” Portanto, se você come o inimigo, você é o inimigo. Mas também dizemos o contrário. Você deve ser o oposto do que come, se não, é justamente canibalismo. Você precisa comer o que é diferente de você. Eu vejo no canibalismo tupi uma espécie de fusão; essas duas posições contrárias e mesmo contraditórias se fundem. Devemos ser ao mesmo tempo o oposto daquilo que comemos e devemos ser o que comemos. Nós nos tornamos o oposto do que somos. O canibalismo, então, era uma maneira de se tornar o outro. Este é o primeiro ponto, as músicas dos Arawetés me deram a ideia de que o canibalismo era uma mudança de perspectiva. As músicas diziam isso, literalmente. Isso me permitiu abordar o canibalismo pensando que toda a complexa cerimônia não tinha nada a ver com ideias sobre as virtudes místicas da carne do inimigo, mas que era, ao contrário, uma operação metafísica de absorção do ponto de vista do inimigo. Uma maneira de se tornar outro. Isso aconteceu entre 1981 e 1984.

**HUO** O que nos leva à próxima epifania.

**EVC** Sim. A epifania seguinte aconteceu dez anos depois com meus alunos.

**HUO** No início dos anos 90, então.

**EVC** Sim. Meus alunos, que faziam pesquisas de campo para obter informações, dados bastante fascinantes, que à primeira vista pareciam banais, foram escritos. Eles descobriram que a teologia constata, em toda a América...





## PSICONAUTAS

Pedro Luz, antropólogo e etnobotânico, em *Carta Psiconáutica* conta: “não há registro histórico de população humana que não alterasse — ou altere — a consciência com as mais variadas substâncias, notadamente aquelas de origem vegetal (...) entretanto o uso de moléculas psicoativas não é um privilégio da humanidade; outros primatas, diversos mamíferos e até mesmo insetos procuram deliberadamente alterar a percepção através do uso de plantas e seus metabólitos secundários”.

Podemos encontrar os cogumelos psilocibínicos em todo o mundo, mas o seu uso tradicional foi melhor documentado pelo continente de Abya Yala<sup>1</sup>. Há vestígios arqueológicos de arte pré-colombiana figurando esses fungos em extensões que abrangem os territórios mexicanos, colombianos, até os chilenos. Em nossas terras, há registro de um povo que utiliza, até os dias de hoje, os cogumelos psilocibínicos: os Witoto.

Em seu livro, psiconautas relatam experiências em que o *Psilocybe Cubensis*, é agente de autodescobertas e ponte para o desconhecido. “Fui passando a ter visões com os olhos fechados (...) conversas telepáticas com outras formas de vida (árvores, formigas, etc.)”. “Tive também longas, filosóficas e esclarecedoras conversas com várias plantas e árvores”. “Um amor intenso por todas as criaturas”. (LUZ, 2015).

Talvez a mais conhecida etnografia desse uso seja a produzida pelo jornalista norte americano Robert Gordon Wasson ao relatar o seu encontro com a xamã mazateca Maria Sabina. O artigo<sup>2</sup> foi publicado pela revista *Life* em 1952 e despertou interesse em âmbito internacional por sociedades contemporâneas ocidentais e expandiu esse consumo, sobretudo em contextos recreativos, para além das comunidades originárias que tradicionalmente faziam esse uso, muitas vezes, em rituais de cura.

Para o jornalista Marcelo Leite, a dicotomia entre recreação e terapia é artificial e moralista. Em seu livro *Psiconautas - viagens com a ciência psicodélica brasileira*, encontramos também relatos que descreverem “o sentimento concreto de fazer parte de uma realidade última ou totalidade maior que o indivíduo”, “as viagens costumam ser acompanhadas de sentimentos intensos de empatia e de comunhão com entidades maiores que o indivíduo (natureza, humanidade, divindades)”, um “sentimento de unidade com o universo” (LEITE, p.187, p.195, p.226-227, 2021).

Neste trabalho, o Golden teatcher<sup>3</sup> poderia ser considerado uma espécie professor em idiomas vegetais, um colaborador no desenvolvimento de um processo de “criação em rede de sensibilidades multiespécie” (PARENTE, p. 9), em que se busca proximidade com outros pontos de vista através de encontros entre sistemas cognitivos multiespecíficos. Esses encontros foram agenciados com o desejo de cultivar intimidade carnal com esses entes, fazer amizade.

Essas relações micohumanas abrem clareiras para pensarmos a arte e o design como ferramentas, utilizadas por entes humanos e mais-que-humanos, para projetar ações que podem transformar ambientes e dar formas a mundos. “Mundos são sempre mais-que-humanos, e é preciso atentar para as relações entre espécies; outras formas de vida podem nos ensinar algo, e os fungos parecem ser bons aliados para lidar com um mundo que se despedaça.” (Joana Cabral de Oliveira em TSING, 2022, p.10).

Como escutar as espécies mais-que-humanas?

- 
- 1 “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América.”. Mais informações sobre o verbete disponível em <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>>
  - 2 Artigo na íntegra disponível em: <[www.bit.ly/2ScW6WD](http://www.bit.ly/2ScW6WD)>
  - 3 Golden Teatcher (professor dourado, em português) é a cepa que se tornou padrão quando se trata de cogumelos mágicos. O termo cepa ou “strain” refere-se a uma determinada variante dentro de uma espécie biológica.





**modelar  
neuroplasticidades**



fac



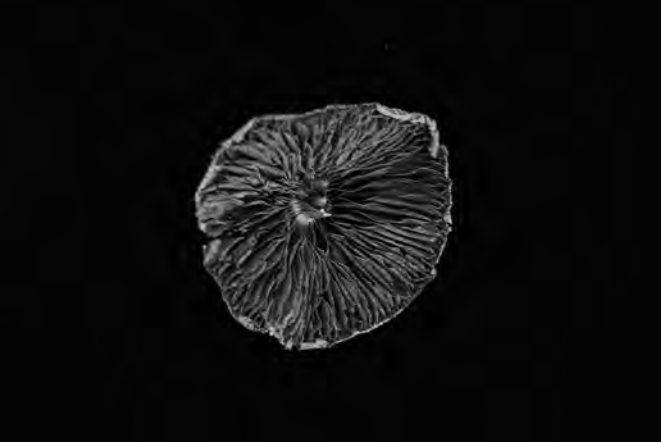











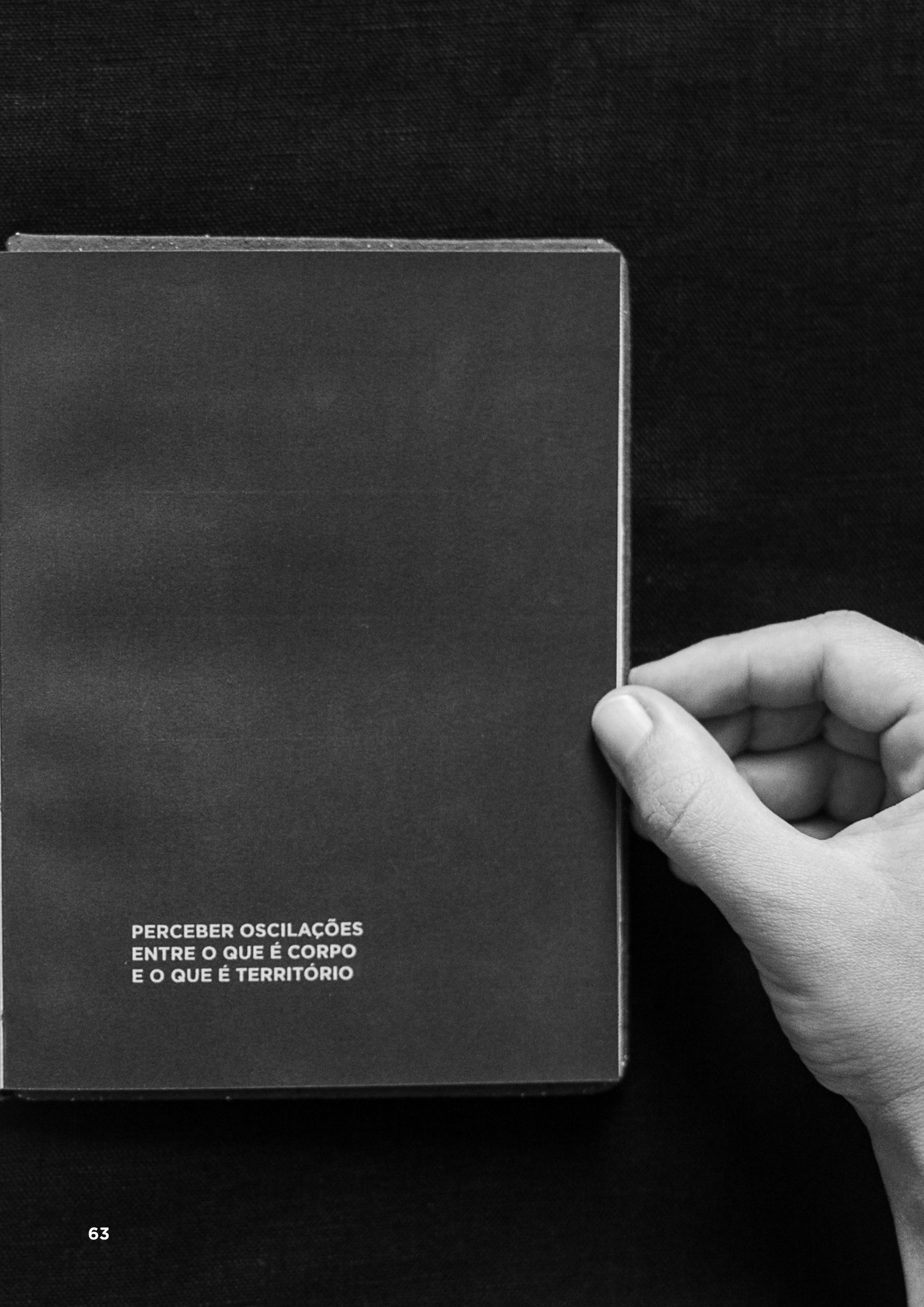




A black and white photograph showing a person's hand holding the left edge of a book. The book is open to a blank page. The page is mostly empty, with a single line of text centered horizontally. The text is underlined and reads "colocar o corpo em modo de traduzir." The background is dark, and the lighting highlights the texture of the paper and the skin of the hand.

colocar o corpo em modo de traduzir.



A black and white photograph showing a hand holding the right edge of a dark, textured book cover. The book is positioned vertically. The background is a dark, textured surface. The text on the book cover is in white, uppercase letters.

PERCEBER OSCILAÇÕES  
ENTRE O QUE É CORPO  
E O QUE É TERRITÓRIO

## FRUTIFICAÇÕES







---

**Conversas com Barranco**

Exibido no Inflamável festival de curtas em super8 (SC, 2023)

Autoria: Lia Cunha & Barranco | Música: João Milet Meirelles | Duração: 3'15 | Ano: 2022

Assita na íntegra: [https://www.youtube.com/watch?v=dOMQzW7\\_UKo](https://www.youtube.com/watch?v=dOMQzW7_UKo)











**trocar de pele com a mata**











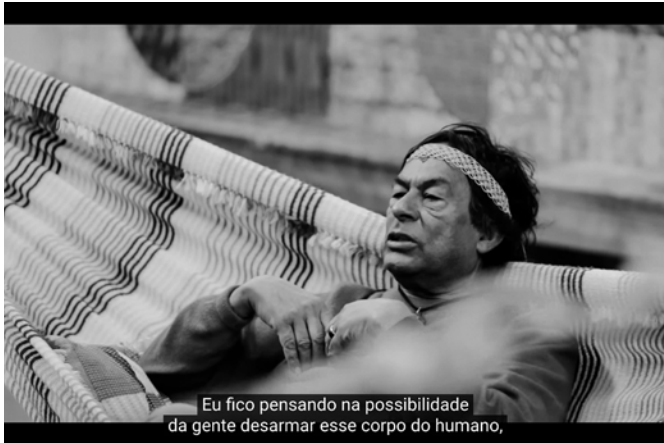
**38138-Florista  
38138-Perfectorio**



SOMOS TERRA



SOMOS FLORESTA DENTRO





---

CONVERSA NA REDE: Amar, comer e ser comida - Ailton Krenak e Emanuele Coccia  
(série Conversas Selvagem, 2022) | Confira na íntegra:  
<https://www.youtube.com/watch?v=5Dd5aosNQPU>







não é um corpo humano,  
é uma mescla de carnes muito diferentes.



E minha carne é um conjunto  
de muitíssimas outras carnes.


---

CONVERSA NA REDE: Amar, comer e ser comida - Ailton Krenak e Emanuele Coccia  
(série Conversas Selvagem, 2022) | Confira na íntegra:  
<https://www.youtube.com/watch?v=5Dd5aosNQPU>





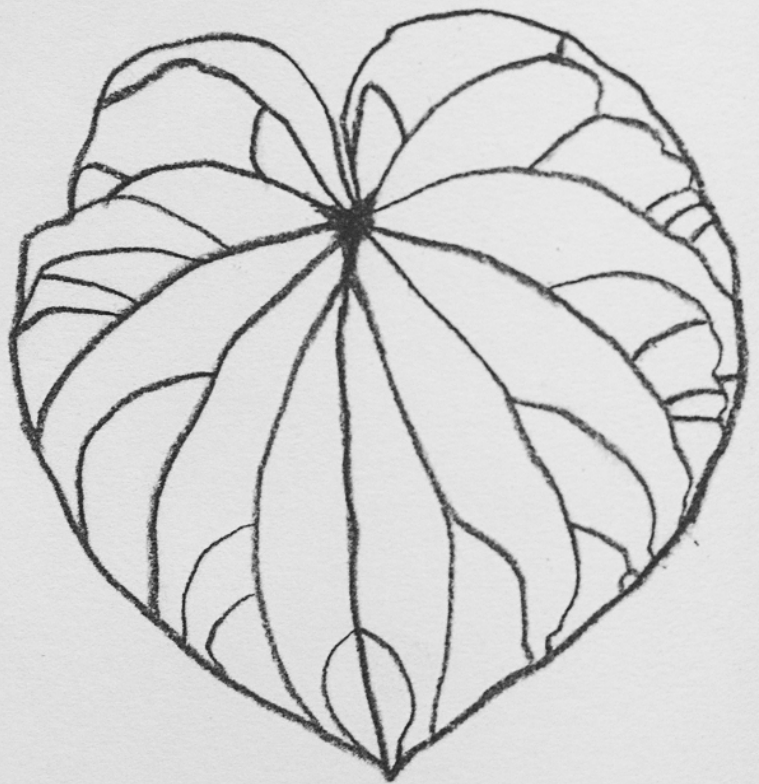
**praticar  
uma escuta clorofílica**


A black and white photograph showing a person's hand holding the left edge of a book. The book is open to a blank, off-white page. The background is dark. The text 'PENSAR COMO UMA FLORESTA' is printed at the bottom of the page.

PENSAR COMO UMA FLORESTA

observa **R**  
a sutileza  
das diversas formas  
de transmissão  
de conhecimento





A black and white photograph showing a hand holding a blank white page. The page is held from the right side, with the thumb and fingers visible. The background is a dark, textured surface. The text 'FALAR UMA LÍNGUA VEGETAL' is printed at the bottom of the page.

FALAR UMA LÍNGUA VEGETAL

## FRUTIFICAÇÕES





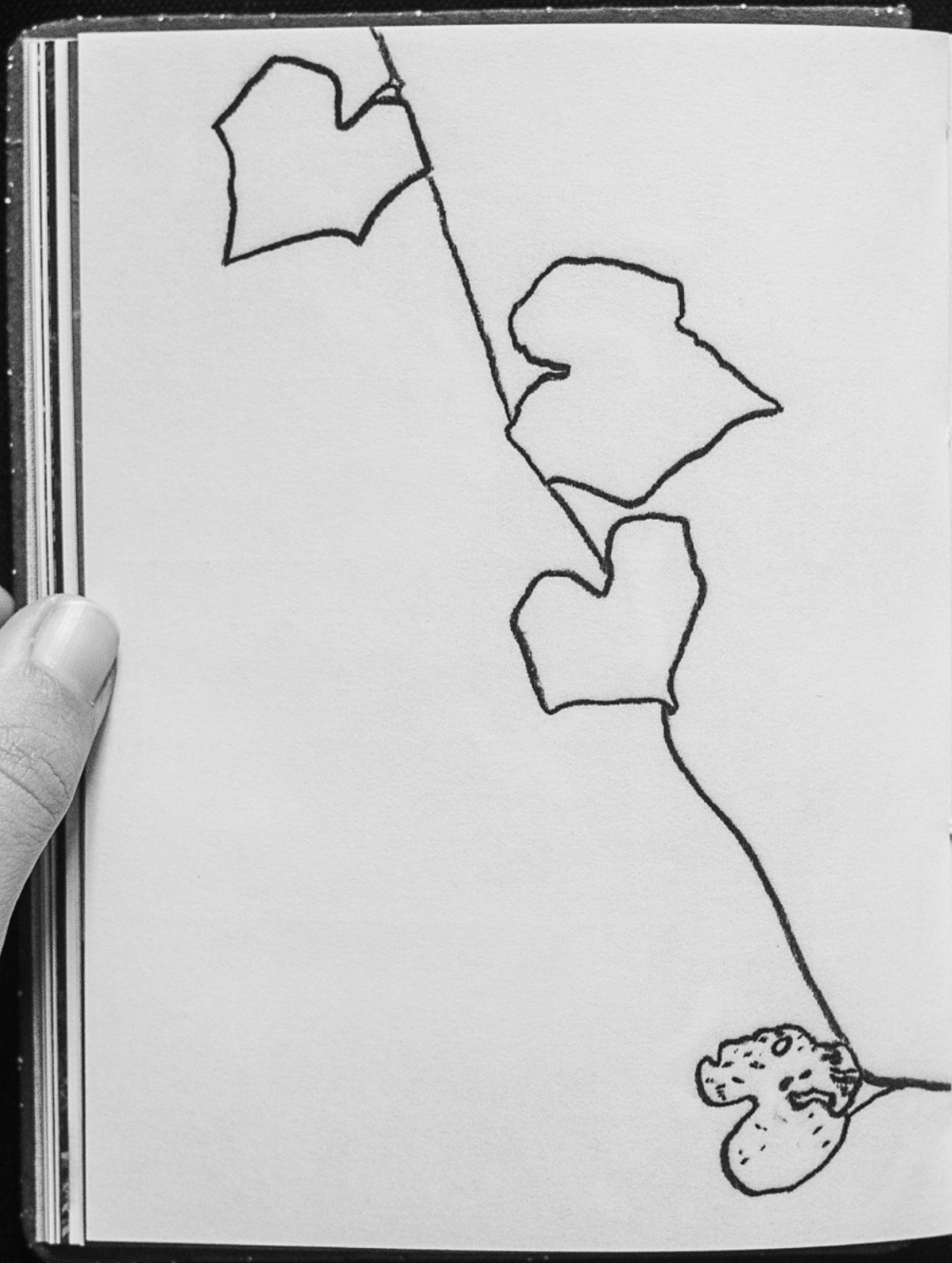
---

**Língua vegetal**

2023

**87**

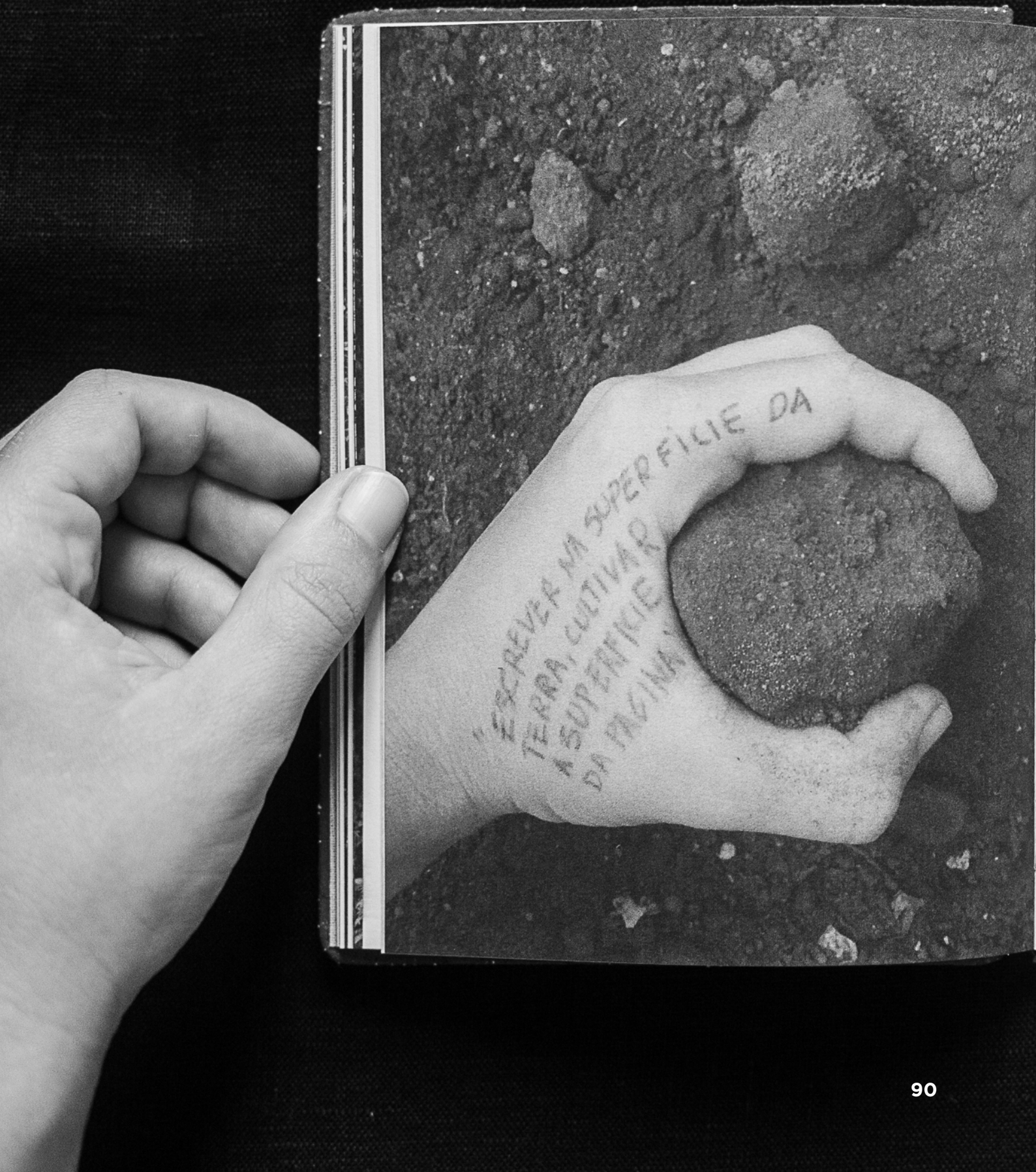
Gravura em serigrafia feita a partir de desenho à lápis carvão que integra o livro Etnografia do Barranco.





prática **R**  
na floresta  
os diálogos  
criativos.



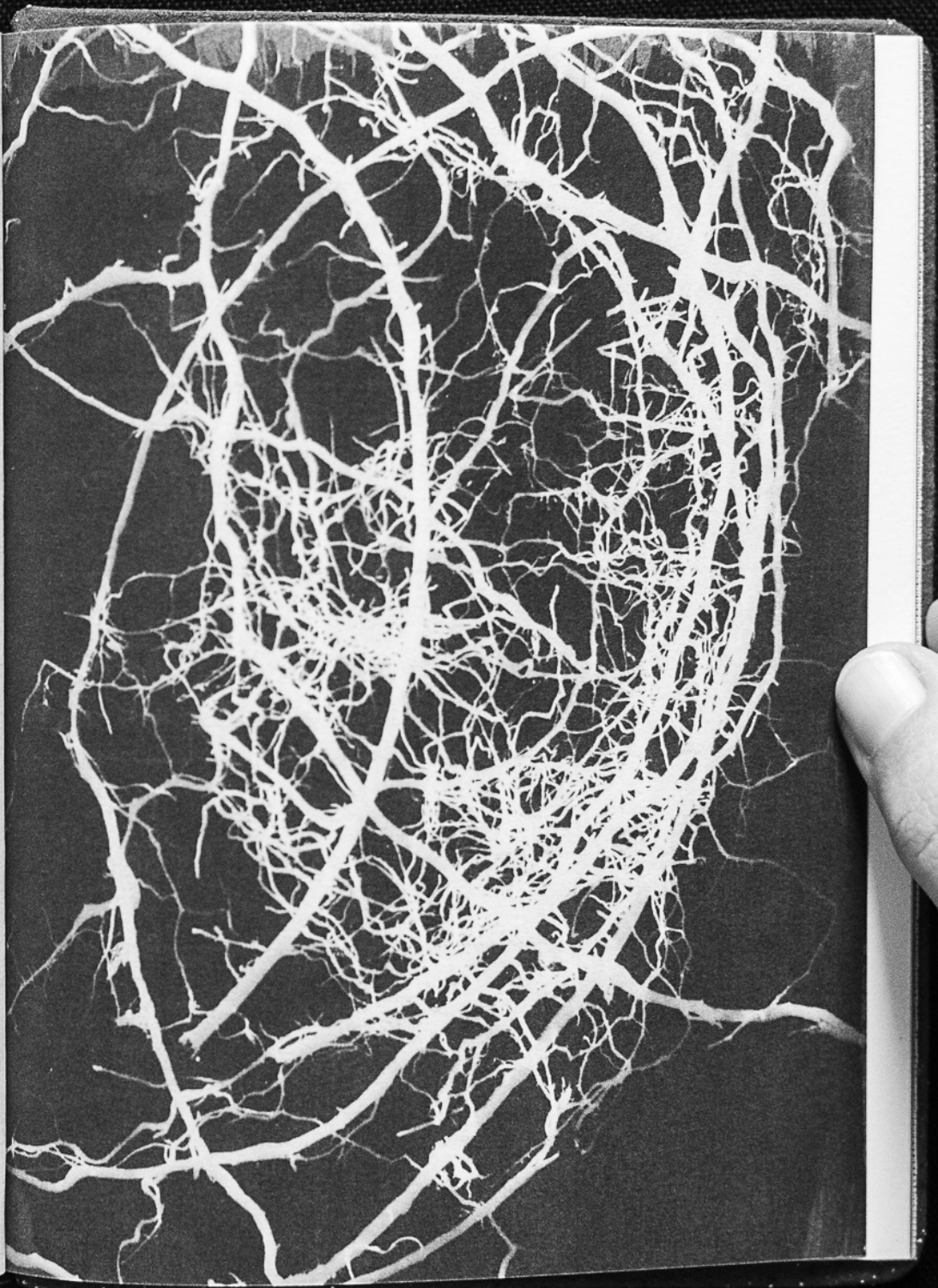












ESCREVER P

50TEA



FOR ~~BLACKOUTS~~

ARRANGEMENTS





LAMBER O SOL  
O SOLO

# FRUTIFICAÇÕES







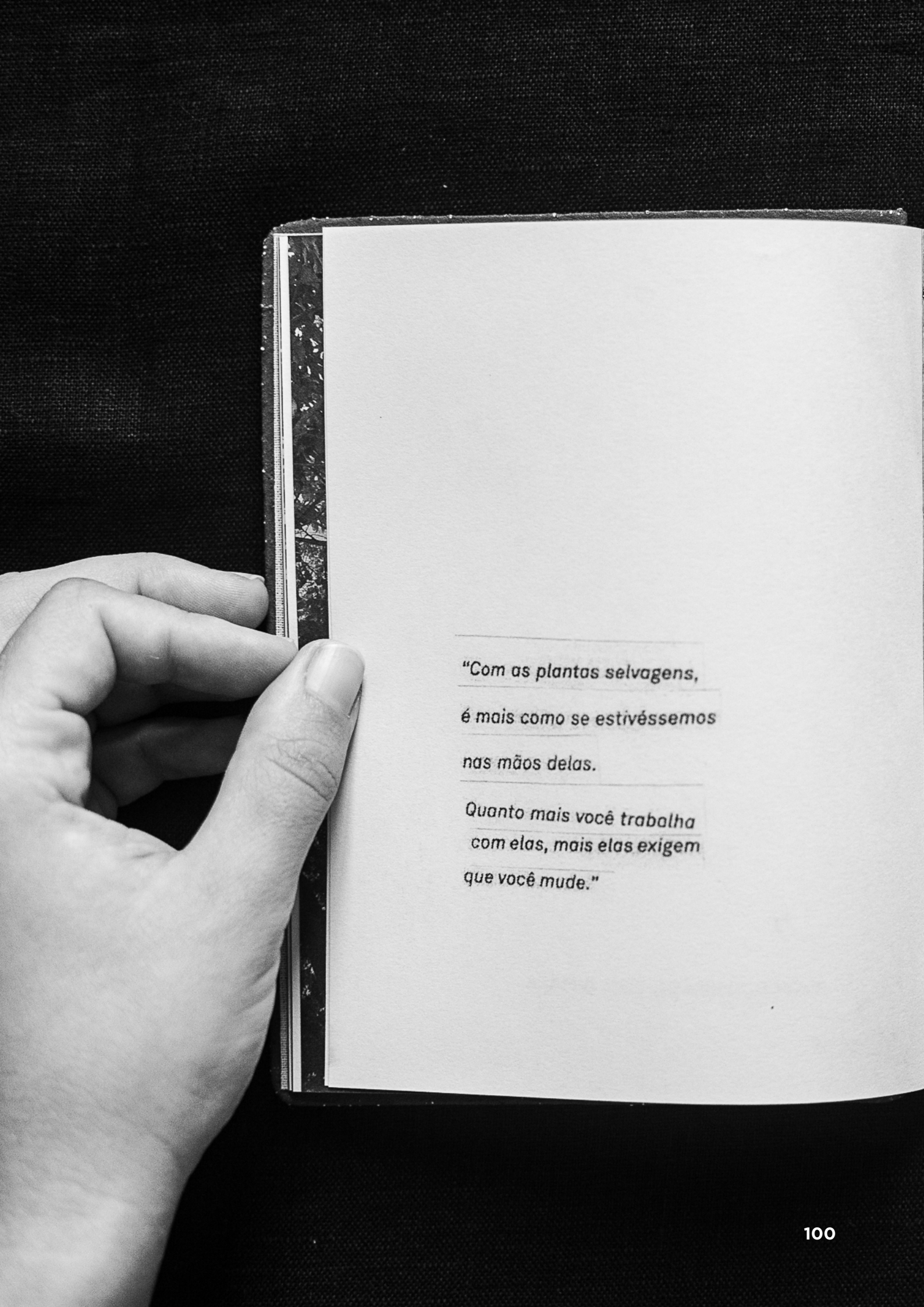
---

**Micro-poema-objeto pirofilico *Lamber o sol(o)***

2023

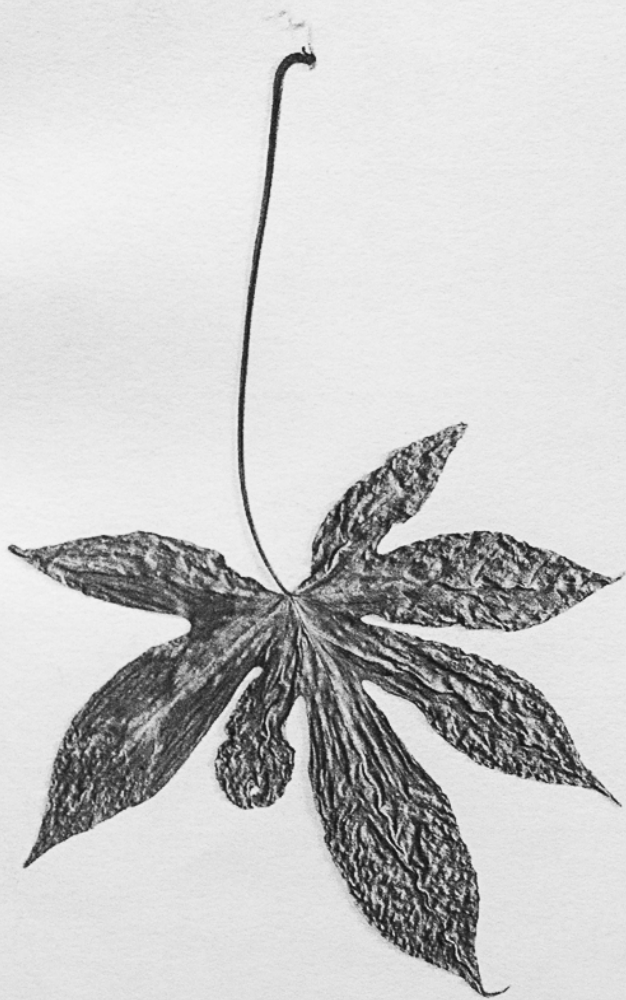
99

Caixa de fósforos feita de papel-semente e grafada com trecho do livro Etnografia do Barranco.



*"Com as plantas selvagens,  
é mais como se estivéssemos  
nas mãos delas.*

*Quanto mais você trabalha  
com elas, mais elas exigem  
que você mude."*

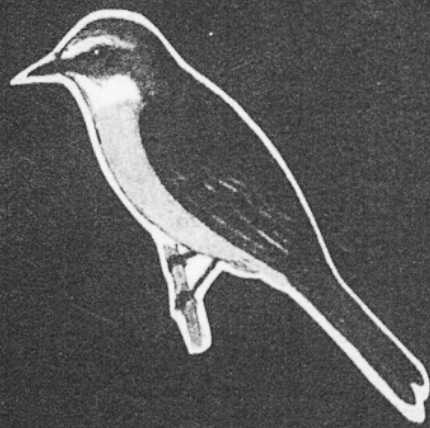






o que poderia significar "resselvagizar humanos"?







.....  
selvagem *adj.* 1. Das, ou próprio das selvas. 2.  
Silvícola. 3. Silvestre (2). 4. Desabitado, ermo.  
5. Ainda não domado ou domesticado. 6. Não  
civilizado. 7. ~~.....~~ • S2g. 8. Sil-  
vícola. ..

## FRUTIFICAÇÕES



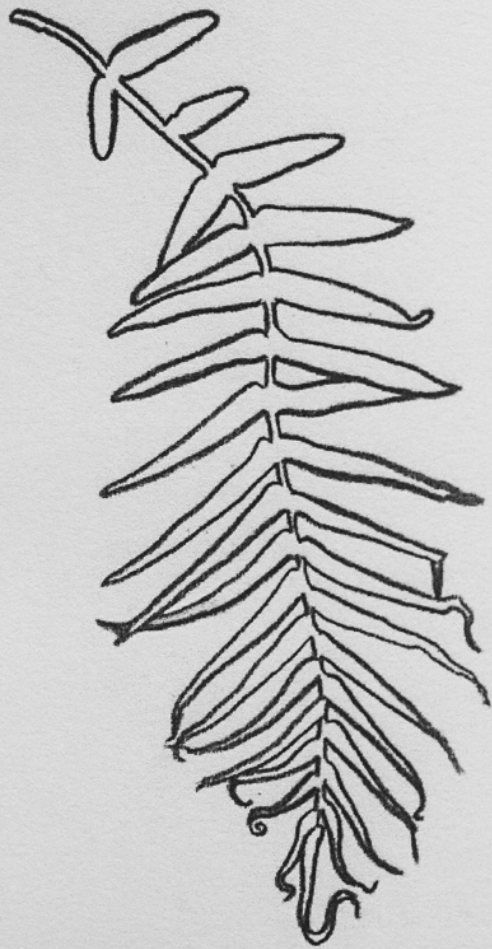
---


**Jam**

2022

Fotografia digital





A black and white photograph showing a hand holding a blank white page. The hand is positioned on the right side of the page, with the thumb and index finger gripping the edge. The background is a solid black color. The page is mostly blank, with some faint, illegible markings near the bottom left corner.

**PENSAR O MUNDO  
A PARTIR DAS PLANTAS**

## MICRO-ENTREVISTA:

Ines Linke

**LIA CUNHA: Como o exercício de pensar o mundo a partir das plantas atravessa suas práticas como artista e educadora? Que estratégias poderíamos adotar para reconhecer essas plantas como colaboradoras e não apenas instrumentos do pensar e do fazer?**

**INES LINKE:** Não previ esta entrevista quando empreguei o verbete pensar o mundo a partir das plantas em conjunto com um desenho/rascunho de uma mata na publicação “Gestos artísticos em tempos de crise” no ano de 2020. Decerto, a expressão se insere às práticas e reflexões que me acompanham a algum tempo e que para mim, ainda captam distintos significados ligados a diferentes contextos. No período do isolamento social decorrente da pandemia do Covid 19, a expressão era relacionada a um momento, quando estabeleci maior prática de cultivo de espécies comestíveis, tendo em vista a vontade de conquistar certa autonomia alimentar, bem como do desejo de mudar a forma de lidar com a vida/morte, de (re)pensar minha relação com o tempo, de criar uma utopia ou estratégia de resistência e, ao mesmo tempo, de imaginar um mundo sem pessoas.

Na minha trajetória de vida percebo que sempre gostei e optei pelos ambientes externos à casa a exemplo dos quintais, dos espaços abertos, montanhas e florestas, onde apreciar as árvores e outras plantas, coletar sementes, produzir mudas, cultivar e cozinhar estão presentes em minha memória. Aprendi a identificar espécies e a coletar, com a Mati, minha avó, para fazer tinturas, cremes, chás etc., também, me foi apresentado um tipo de ecologia peculiar movida pelas necessidades e carências da vivência do período de pós guerra. Me recordo de mascar raízes de violeta para ajudar na dentição, inalar vapores de camomila para curar o resfriado, besuntar aloe vera nas queimaduras, usar óleo de arnica para dores nas costas, coletar e comer caramujos nos vinhedos e de fazer geleias e caldas com as plantas ruderais e os frutos das matas e floresta. Provavelmente a experiência de vida dela, atrelada a saberes populares de diversos espaços e tempos, tenha me ensinado que o conhecimento e a convivência com a natureza nos definam como parte de um sistema complexo com passado/presente/futuro.

Muitas vezes, nas caminhadas ou viagens aproveitei para (re)memorar e reviver situações, a coletar algumas sementes, raízes ou estacas a serem (trans)plantadas ou utilizadas como ingrediente em preparo de algum alimento. As plantas me acompanham no cotidiano, em andanças, deslocamentos e mudanças. Um talo de ora-



-pro-nóbis de uma cerca viva localizada na lagoa da Pampulha em Belo Horizonte virou uma muda que posteriormente cultivei na cidade de São João del-Rei (MG) e anos depois a replantei em Salvador (BA), onde, por sua desenvoltura e exuberância parece ter encontrado seu lugar preferido. Observadamente, enquanto algumas espécies não se adaptam a novos ambientes e/ou locais, próximas ao lugar de origem, outras se naturalizam e passam a ocupar e constituir o novo ambiente. O ora-pro-nóbis, por exemplo, com sua obstinação rústica, se sente em casa e pertence ao bairro do Alto das Pombas.

Gosto de observar e entender como as plantas se propagam, como nascem, crescem, florescem, produzem frutos, sementes etc., também aprecio ver como se deslocam, isso mesmo, e migram, se adaptam, resistem e morrem. Acredito que possamos aprender consideravelmente com as estratégias de sobrevivência, seus movimentos e com cada etapa de seu ciclo. Além disso creio que os processos simbióticos, tanto o mutualismo como o parasitismo, possam nos fazer entender que a associação entre indivíduos de espécies diferentes acontece e, assim, evidencia que a pluralidade e a diversidade presentes nas interações e colaborações com plantas, servem como exemplo a ser seguido pelos humanos. Além desta constatação, fico fascinada pelos processos de decomposição e compostagem. Neste complexo processo observado, as plantas nos permitem elaborar perguntas e escutar as respostas: Como fazer terra, água, criar vida e viver em conjunto? Neste aspecto, acredito ser possível pensar o mundo sempre com, e a partir das plantas e das florestas.

Em minhas atividades como artista, plantas, ambientes e paisagens emergem como imagem, desenhos e fotografias de lugares por onde morei ou viajei. Inicialmente ao período vivido no Sul da Alemanha, uma região com atmosfera regional, conhecida como floresta negra, posteriormente, numa pequena cidade no Centro Oeste dos Estados Unidos. Apesar da vivência, demorei certo tempo para entender as caminhadas, deslocamentos, imersões, cultivos, hortas, trocas de conhecimentos, o preparo de comidas e os encontros enquanto arte.

Após viver no México e posteriormente vir residir no Brasil, as viagens, caminhadas e situações começaram a fazer parte dos processos artísticos. Desde sua fundação, os trabalhos da dupla thislandyourland se relacionam com plantios, cultivos e alimento; a colaboração se iniciou e ampliou por meio de ações cotidianas, passeios, encontros, muitos realizados primeiramente sem pretensão artística, mas, depois formalizados como trabalhos de arte. Outras práticas foram concebidas desde seu início enquanto trabalhos artísticos, como a Expedição na Bahia, uma viagem no semiárido baiano ou a obra Natureza Morta, composta por uma série fotográfica de plantas ruderais de beira de estradas, em lotes vagos e frestas urbanas que se transformaram em cartografias vegetais/visuais e arranjos florais elaborados por floristas locais; muitos outros trabalhos da dupla fazem uso de procedimentos envolvendo plantas e plantios como estratégia para discutir modos de vida, processos estéticos

e/ou valores econômicos, sendo elas o ponto de partida para refletir sobre ideias e conceitos como a naturalidade e o nacionalismo, proximidades e distâncias, valor de troca e de uso, autonomia e dependência, legislações e suas brechas etc.

Como educadora, as questões espaciais e ambientais são recorrentes em diálogo com minha prática artística. Em projetos como o Bem Comum - Cultivos, as plantas e o plantio são concebidos como ponto de partida ou como elementos relacionais, a partir dos quais podemos ativar nossos corpos e nos relacionar com a terra e com os contextos socioespaciais dos diferentes lugares onde atuamos via projeto. O projeto foi concebido com o objetivo de resgatar, produzir e disseminar conhecimento sobre plantas endêmicas, percorrendo etapas, buscas, cultivo, coleta e distribuição, como também de experimentações e promoção de situações relacionais pautadas em troca de saberes. Os distintos momentos do cultivo são experienciados enquanto uma reação/agente político a fim de fomentar questões relativas ao Bem Comum e à reivindicação da autonomia e da soberania alimentar, estabelecendo, consequentemente um diálogo contínuo com os elementos naturais, a estética e a democratização da cultura. Desta forma, as plantas se tornam uma ponte para se dialogar tanto sobre coletividade e público, como sobre racismo ambiental e descasos. O cultivo nos coloca em (re)ação, nos dá um propósito, um tipo de sentido de corpo, uma existência no espaço físico, de tempo, um sentimento de relação com o lugar, e, certamente, a possibilidade de compreender e formar parcerias com a natureza, o vento, a chuva, o sol, os pássaros, insetos, etc.

Com o Bem Comum, pensar o mundo a partir das plantas, encontramos um convite para (re)pensar nossa relação com a terra na tentativa de superar o antropocentrismo e abandonar a dicotomia cultural e da natureza, colaborando, assim com a (re)educação e (des)individualização do mundo, ou seja, mesmo que pareça utópico, da reinvenção das outras instâncias de produção, circulação e consumo balizadas no capitalismo e, na elaboração de alternativas ao modelo homogeneizante em escala local que convive com o pluralismo de ideias e a conjugação de olhares/saberes partindo da escuta e da visualização de perspectivas não humanas em um processo contínuo.



---

**Imagem 1:** thislandyourland  
**Imagem 2:** Natureza Morta



## ESTAR JUNTAS

Como seria conduzir um processo criativo colaborativo com **quem** estamos habituadas a chamar de natureza? Essa pergunta se enraizou em mim quando ouvi uma fala da filósofa Cristine Takuá no Ciclo Selvagem<sup>1</sup>. Ela indagava: “*Como estabelecer diálogos com os seres criativos da floresta?*”

O processo de composição do livro-obra *Etnografia do Barranco* foi iniciado durante a pesquisa de mestrado *Etnografia do Barranco - poéticas do encontro em processos colaborativos multiespecíficos*, com orientação da professora Dra. Lia Krucken. Entre as disciplinas Gestos Artísticos em Tempos de Crise, ministrada pelas professoras Ines Linke e Lia Krucken e Antropologia Visual<sup>2</sup>, ministrada pelos professores Carlos Caroso e Paride Bollettin. A edição da publicação foi atravessada também por encontros conduzidos pela professora Laura Castro no curso de extensão *Ateliê do fim do mundo*<sup>3</sup> e por aproximações de estudos no campo da antropologia, em ciclos de leitura conduzidos pela professora Zoy Anastassakis no programa de estudos independentes Humusidades<sup>4</sup>.

Em fevereiro de 2020, logo antes de a situação da pandemia do Coronavírus se agravar em Salvador (BA), me mudei de apartamento e vim morar em um prédio que fica à beira de um barranco. Em isolamento social, buscando fazer amizade com a mata, iniciei alguns exercícios de aproximação: através da coleta de amostras botânicas para a criação de fotogramas em cianotipia, compondo registros fotográficos e desenhos a lápis carvão. Este é um livro criado no “contexto pandêmico, onde a percepção de esgotamento das possibilidades de futuro a partir das mesmas formas de lidar com os mundos humanos e não-humanos ficou ainda mais aparente” (PARENTE, p. 7).

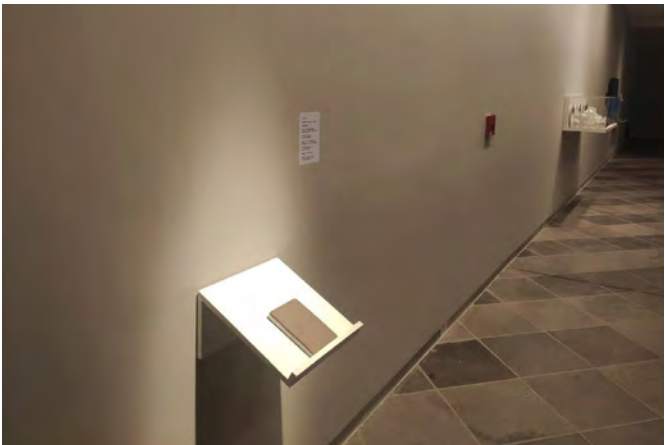
Naquele momento eu estava interessada em investigar as relações entre o meu corpo, o corpo do Barranco e o corpo do livro. *Escrever na superfície da terra e cultivar a superfície da página*<sup>5</sup>. Recorri à colagem como ferramenta de composição gráfica e textual, numa compostagem a partir de ideias de outras autoras: “Trata-se de outro tipo de criação: a invenção cede espaço para a seleção e a edição. A noção de originalidade cede à noção de recriação. A literatura, aqui, ganha ares de prática artística, questionando por dentro - não só pelo conteúdo do texto, mas pelo modo de produção e pela sua materialidade” (VILLA-FORTE, 2019, p.47). Buscando conexões corpo-terra mais profundas, e pensando *o lugar como esse elemento gráfico e que traz a matéria-prima para a produção*<sup>6</sup>, comecei a experimentar com as capas de cerâmica.

Movida pelo desejo de poder descobrir meu próprio fazer criativo no devir do corpo coletivo - escrever **com** o entorno, trocar de pele com a mata - e buscando integrar esses coletivos multiespecíficos “não como uma metáfora, mas como fricção” (KRENAK, 2019) experimentei a uma aproximação com cogumelos *Psilocybe Cubensis*. O propósito desta aliança micohumana seria convidar estes entes a colocar “o corpo em modo de traduzir” (KRUCKEN, 2019, p.186), desenhando em mim novas conexões neuronais e colaborando, desse modo, como participantes ativos nos processos de criação e na mediação de diálogos vegetais - como habitualmente o fazem embaixo da terra, nas micorrizas. Um modo de **estar juntas**. “Os experimentos simpoiéticos fúngicos são uma configuração em conjunto, em **devir com**, afinal “nada é realmente autopoietico ou auto-organizado” (PARENTE, p. 9).

Em 2022 o livro de viagem seguiu em movimento, participando de eventos e mostras como o III Evento Teórico Práctica Artística e Indagación Creativa (Universidad de las Artes de Cuba, ISA), mostra Imãntações (Galeria Cañizares, EBA - UFBA), XI Salão Victor Meirelles (MASC, Florianópolis - SC) e XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira (Vila Nova de Cerveira - PT), sendo contemplado pelas últimas com o Prêmio/Aquisição.

\*uma primeira versão deste texto foi apresentada como resumo da pesquisa em comunicação oral realizada no Seminário interno de pesquisas *RECONEXÕES: sob solos, peles e saberes* dos cursos de mestrado e doutorado em artes visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV-EBA UFBA), que aconteceu em formato híbrido no Salão Nobre da EBA UFBA e em plataforma digital no período de 24 a 27 de novembro de 2022.

- 
- 1 Cristine Takuá no *Selvagem Ciclo* (Dantes, 2019) confira a fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8&t=645s>
  - 2 Confira a leitura da publicação (em processo) para o *Barranco* (TV PPGA - UFBA): <https://www.youtube.com/watch?v=ATafTqLcoFU>
  - 3 <https://ihacdigital.ufba.br/1341/>
  - 4 <https://www.humusidades.com/>
  - 5 Fala do professor Jorge Menna Barreto na disciplina *Gestos artísticos em tempos de crise* (PPGAV - EBA UFBA, 2020)
  - 6 Zulmira Correia em *Ponto de encontro: edições compartilhadas* (2020, pág. 4).





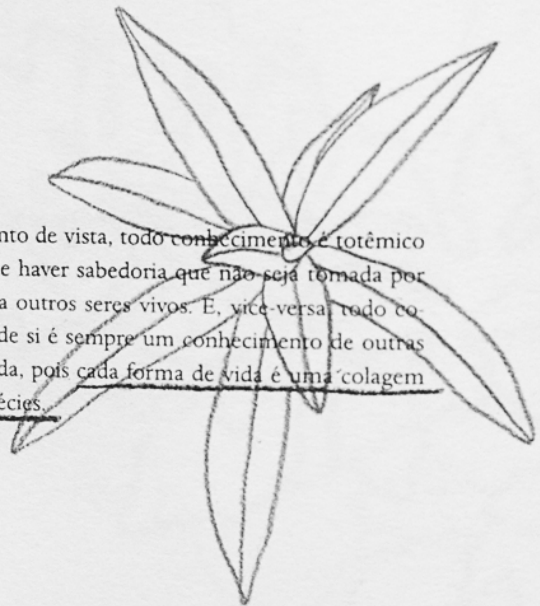


---

**Etnografia do Barranco** (2022)

Registro de suas exibições no XI Salão Victor Meirelles (MASC, Florianópolis, SC) na XXII Bienal Internacional de Arte de Cerveira (Vila Nova de Cerveira, Portugal) e na mostra Imãntações (Galeria Cañizares, Salvador - BA), respectivamente.

Sob certo ponto de vista, todo conhecimento é totêmico pois não pode haver sabedoria que não seja tomada por empréstimo a outros seres vivos. E, vice-versa, todo conhecimento de si é sempre um conhecimento de outras formas de vida, pois cada forma de vida é uma colagem de várias espécies.





Brincadeira perspectivista em fluxos com Nurit Bensusan, Haroldo de Campos, Dion Workman, Cristine Takuá, Ines Linke, Jorge Menna Barreto, Luiz Antonio Simas, Fabio Scarano, Antônio Bispo dos Santos, Emanuele Coccia, Lia Krucken, Paride Bollettin e os entes mais-que-humanos que habitam o Barranco.

---

<sup>1</sup> Nurit Bensusan, Do que é feito o encontro;

<sup>2</sup> Haroldo de Campos, Galáxias;

<sup>3</sup> Dion Workman, Uma introdução ao pensar como floresta;

<sup>4</sup> Cristine Takuá, Seres criativos da floresta;

<sup>5</sup> Ines Linke, Pensar o mundo a partir das plantas;

<sup>6</sup> Lia Krucken, Oficinas e modos de criar movência;

<sup>7</sup> Luiz Antonio Simas, O corpo encantado das ruas;

<sup>8</sup> Fabio Scarano, Regenerantes de Gaia;

<sup>9</sup> Antônio Bispo dos Santos, Somos da Terra;

<sup>10</sup> Emanuele Coccia, Metamorfoses.



## FRUTIFICAÇÕES

A proposta de organização da exposição *Língua vegetal* surgiu após a prova de qualificação do mestrado com o desejo de criar um espaço para a defesa que fizesse conviver, juntas, algumas das *frutificações* aqui apresentadas.

Os trabalhos fazem ecoar a ideia de um corpo coletivo multiespecífico e partem de exercícios nos quais busquei experimentar modos de relação colaborativos, horizontais, com entes outros-que-humanos.

Algumas obras são páginas do livro-objeto *Etnografia do Barranco* aplicadas em outros suportes como lambe-lambes, cianótipos ou impressões serigráficas em objetos como almofadas e caixas de fósforo contruídas com papel semente. Outras são gravuras ou objetos em cerâmica que dialogam conceitualmente com o livro-objeto ou estiveram ligadas à pesquisa de mestrado de algum modo. Com o impresso *Escrever por acidentes erosões*, levo uma página da dissertação para o espaço expositivo.

Pensando, por vezes, as paredes da galeria como páginas de um livro e borrando os limites entre o objeto de arte, o objeto utilitário e o mobiliário, no desenho expográfico busquei reencenar procedimentos adotados na composição dos trabalhos.

[www.instagram.com/linguavegetal](http://www.instagram.com/linguavegetal)



---

**Língua Vegetal (2023)**

Exposição n'A Galeria do Ativa Atelier, com curadoria de Joyce Delfim e Lia Krucken de 14 a 28 de agosto de 2023

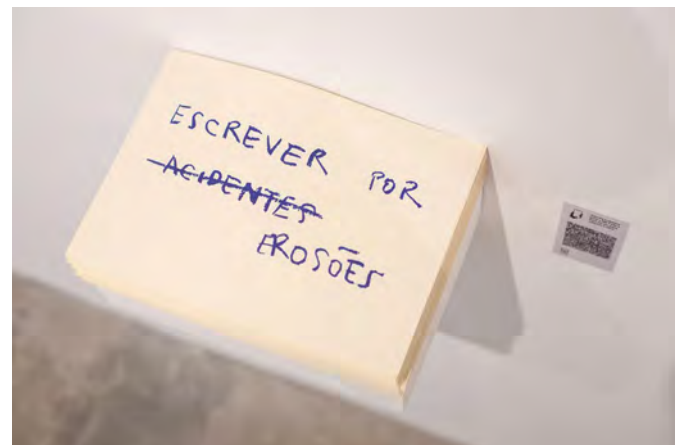
Fotografias: acervo da autora













é preciso lambar o chão — ela diz.  
e, assim, inicia a conversa com Barranco.  
Lia tem uma gentileza rigorosa. suas mãos  
fazem livros, panos, paredes. constrói casas  
e microcosmos. tem intimidades com caran-  
guejos e cogumelos. é com esta rede que vai  
se pertencendo e tece, se enredando ela  
própria no fio.

§

quando encontrei Barranco pela primeira  
vez, era noite  
antes de vê-lo, conheci seus sons

numa tarefa de entender de quem  
[entre as muitas que compõem Barranco]  
era aquele canto,  
soube:  
— eram de coruja-orelhuda

§

Barranco ocupa o livro e a galeria.  
As quinas são espaços de permanência.  
— lápis, marca-página, terra, almofada —

Furo vegetal que come estruturas e confi-  
gura novos lugares.  
Língua vegetal que se faz com rasuras e  
contaminações.  
Re-encenar é o método desta exposição.

§

Lia observa, replica, decalca, atrita, deglute em busca de evidenciar a conversa corpo-terra. O corpo não é protagonista, nem é uno. Todo corpo é multiespécie. E, o diálogo entre seres humanos e mais-que-humanos acontece "não como uma metáfora, mas como fricção."<sup>2</sup>

A língua vegetal não se pretende um tipo de linguagem vegetal. A língua vegetal transpõe a divisão organismo/linguagem (ou natureza/cultura). Ela é contra a superioridade do verbo e do logos. A língua vegetal lambe o chão, fala às avessas, germina e vira folha.

§

O caminho expositivo se instaura com uma possível germinação. Move-se entre claro e escuro; público e íntimo; macro e micro – da mata à micorriza. Micorriza, macroatlântica – uma colaboração que é uma jam.

Lia segue desenhando, com Barranco, objetos de arte-utilitários-mobiliários-filmes-expositivos. Nesse fazer, Lia, Barranco e nós celebramos juntas uma ética de relação multiespécie.

Joyce Delfim e Lia Krucken  
curadoria

1. escutando Ailton Krenak e Natassja Martin, CONVERSA NA REDE: Os elementos estão falando - (série Conversas Selvagem, 2023). Confira na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=ChUjJiLCdxs>

2. Ailton Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, 2019, p. 14.

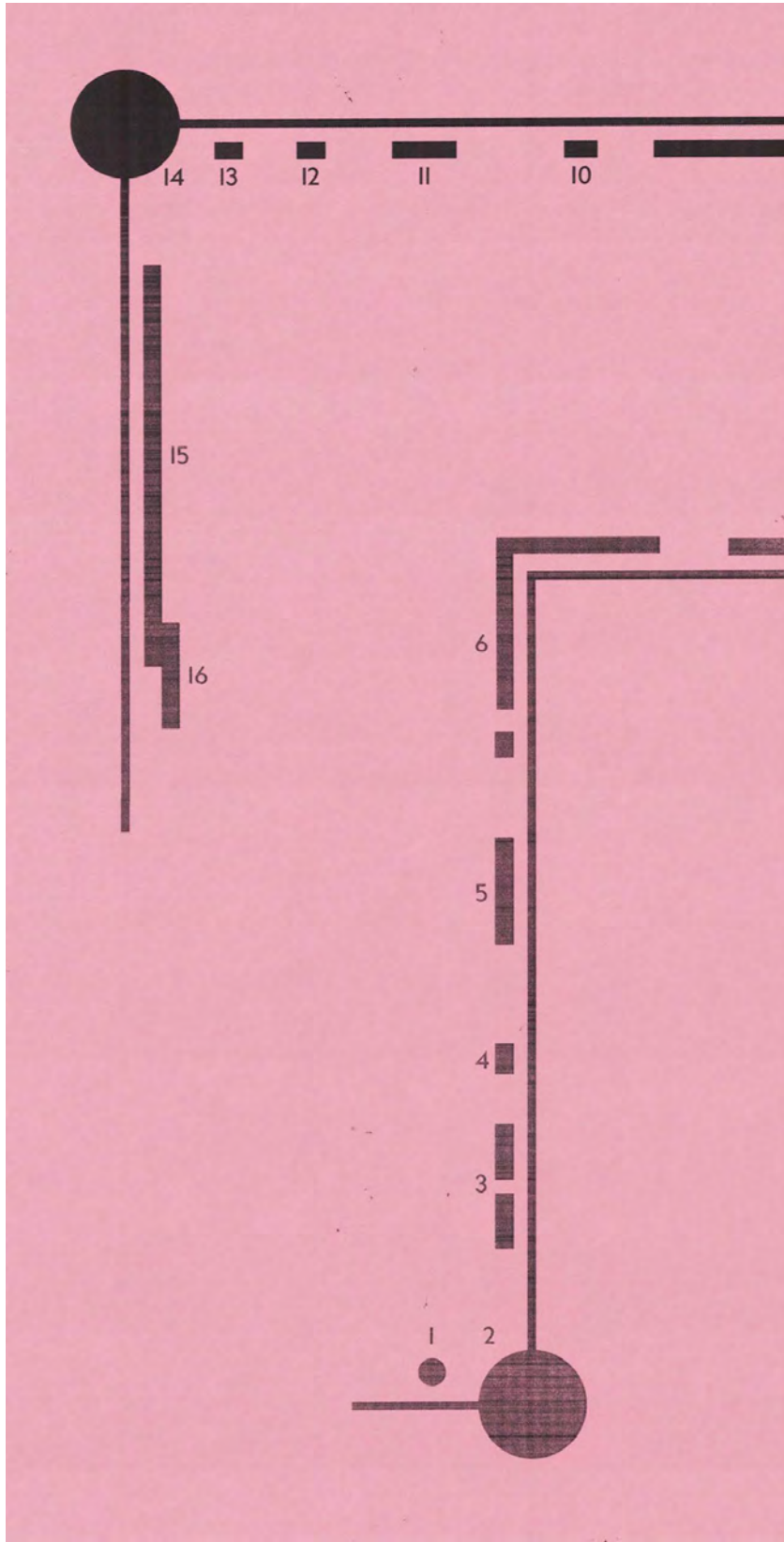


galeria



# língua vegetal

lia crucka







6. s/ título  
lambe-lambe  
2020

7. série Escuro  
gravura em metal  
2018-2021

8. Conversas com Barranco  
frames de Super8  
2022

9. s/ título  
cianotipia  
2020

10. Erosões  
serigrafia  
2023

11. Oscilações: corpo-território  
cerâmica  
2021

12. Etnografia do Barranco  
livro-objeto  
2022

13. Língua vegetal  
serigrafia  
2023

14. s/ título  
serigrafia  
2023

15. s/ título  
lambe-lambe

16. trocar de pele com a mata  
cianotipia  
2020

\* varanda:  
Jam  
lambe-lambe  
2022

1. s/ título  
cerâmica  
2022

2. Micro-poema-objeto pirofilico Lamber o sol(o)  
objeto  
2023

3. s/ título  
fotografia  
2021

4. s/ título  
cerâmica  
2021

5. s/ título  
cianotipia  
2020









## REFERÊNCIAS

- BENSUSAN, Nurit. **Do que é feito o encontro**. IEB Mil Folhas, Brasília, DF, 2019.
- CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. São Paulo: Editora Ex Libris, 1984.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos Luiz Zerbini; tradução Madeleine Deschamps e Victoria Mouwad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.
- CORREIA, Zulmira e TUXÁ, Ezequiel Vitor. **Ponto de encontro: edições compartilhadas**. (2020)
- FAVERO, Fran. **Vale**. Curitiba: Editora Medusa, 2021.
- FERREIRÓS, Facundo e MARROCHE, Darío. **El cuerpo como performatividad micropolítica descolonizadora**. Montevideo: Microutopías, 2017.
- KLEON, Austin. **Newspaper Blackout**. Harper Perennial; 1st edition, 2010.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRUCKEN, Lia. **Oficinas e modos de criar movência / Nkaringana: Objetos e histórias em trânsito**. Organização Ines Linke e Lia Krucken. Duna, Salvador, 2020.
- LEITE, Marcelo. **Psiconautas - viagens com a ciência psicodélica brasileira**. São Paulo: Fósforo, 2021.
- LINKE, Ines. **Pensar o mundo a partir das plantas** in Gestos artísticos em tempos de crise. Organização Urbanidades. Salvador: Duna, 2020.
- LUZ, Pedro. **Carta psiconáutica**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2015.
- MORAIS, Fabio. **Sabão**. Ilha de Santa Catarina, Par(ent)esis, 2018.
- NODARI, Alexandre. **A literatura como antropologia especulativa**. Revista da Anpoll n. 38, p. 75-85, Florianópolis, Jan./Jun. 2015.
- OBRIST, Hans Ulrich. **Entrevistas brasileiras vol. 1**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.
- PARENTE, Maria Clara. **Ser junto: experimentos simpoiéticos fúngicos. A arte de Sasa Spacal**. N-1 Edições, disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/ser-junto-experimentos-simpoieticos-fungicos>. Acesso em: 09 jun. 2022
- SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, Roberto Corrêa dos e REZENDE, Renato. **No Contemporâneo: Arte e escritura expandidas**. Rio de Janeiro: Editora Circuito. FAPERJ, 2011.

SCARANO, Fabio Rubio. **Regenerantes de Gaia**. Desenhos Lua Kali. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

STÄHELIN, Isadora Santos. FAVERO, S. M. C.; GONCALVES, M. H.; SANTOS, R. G.. **Casa do mar aberto**. 2020. Dissertação (Mestrado) em Programa de Pós-graduação em artes visuais, ceart/udesc.

TAKUÁ, Cristine. **Seres criativos da floresta**. Cadernos SELVAGEM publicação digital da Dantes Editora. Biosfera, 2020.

TAVARES, Paulo. **Nas ruínas da floresta**. In: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO (org.). Primeiros ensaios: publicação educativa da 34ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2020. pp. 107-119. Versão digital disponível em: <http://www.bienal.org.br/publicacoes/7702>

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**. Traduzido por Jorgge Menna Barreto, Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: Literatura e apropriação no século XXI**. Rio de Janeiro; Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

WORKMAN, Dion. **Uma introdução ao pensar como uma floresta**. Traduzido por Jorgge Menna Barreto.

## ONLINE

BARRETO, Jorgge Menna. 1º Ciclo Formativa (Webinário): **As plantas como tema para a arte e educação**, mai. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3B\\_uThvO8VQ](https://www.youtube.com/watch?v=3B_uThvO8VQ). Acesso 19 abr. 2023.

**Que soem as trombetas, episódio 6**: Stevens Rehen. Novembro, 2021. Entrevistados: Uros Laban e Sidarta Ribeiro. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4fTogm7SQMdQZrWznNLEe0>. Acesso em: 28 nov. 2021.

Conversa na rede - **Os elementos estão falando**: Ailton Krenak e Natassja Martin. Novembro, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ChUjJiLCdxs&t=1s> | Acesso em 15 mar 2023.



Conversa na rede - **Amar, comer e ser comida**: Ailton Krenak e Emanuele Coccia. Novembro, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Dd5aosNQPU> | Acesso em 15 mar 2023.

Ciclo de leituras Humusidades: O cogumelo no fim do mundo - Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo: Conversa com Yudi Rafael e Jorge Menna Barreto, a partir do texto **Nota dos tradutores**, e com condução de Anastassakis acerca do processo de tradução do livro O cogumelo no fim do mundo, de Anna Tsing, publicado em maio de 2022 pela N-1 edições. O ciclo aconteceu entre 12 e 21 de dezembro de 2022.

Ciclo de leituras Humusidades: **Fabulação especulativa, o que é, o que é?** com condução de Zoy Anastassakis, o ciclo aconteceu entre 10 de maio a 7 de junho de 2022.

Selvagem ciclo de estudos sobre a vida - **Os seres criativos da floresta**: Cristine Takuá. nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hzJVxUOjc8> | Acesso em 13 mar. 2020.

Selvagem ciclo de estudos sobre a vida - **Entrevista com Emanuele Coccia sobre Metamorfoses no Orto Botanico de Roma**: Emanuele Coccia. Conduzida pelo jornalista Damiano Fedeli. Ago. 2020. Disponível em: <https://trello.com/c/27v1JUSy/145-metamorfoses-emanuele-coccia> | Acesso em 18 ago. 2020.

Selvagem Ciclo regenerantes de Gaia - **Regenerando a partir dos sonhos**: Antonio Nobre e Ailton Krenak. jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGcjWtOzle4> | Acesso em 7 jun. 2022.

Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea: **O corpo encantado das ruas**, Luiz Antonio Simas. Escola da Cidade, mediação de Guilherme Wisnik. dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=7-YaLUdOvrQ> | Acesso em 10 dez. 2020.



**GUARDAR SILÊNCIO**



Essa dissertação foi composta entre 2020 e 2023, atravessando a pandemia do corona vírus, entre as cidades de Salvador, Caeté-Açú e Itaparica.